

# A parte que não estava pronta

*Cosmologia, queda e origem do universo em conversa com a ciência*

Luiz Rodrigues



# A Parte que não estava pronta

Cosmologia, queda e origem do universo em  
conversa com a ciência

*Luiz Augusto de Carvalho Guimarães Rodrigues*

## Nota do Autor

Este livro nasceu de um desconforto antigo: a sensação de viver entre duas histórias de origem que quase nunca sentam à mesma mesa. De um lado, a cosmologia científica, com seu Big Bang, galáxias em expansão, estrelas nascendo e morrendo, planetas esfriando, vida emergindo de química paciente. De outro, a cosmogonia do *Livro Universo em Desencanto*, com o Mundo Racional, a grande Planície, a parte que não estava pronta e a queda que, segundo essa narrativa, nos trouxe até este mundo deformado em que nascemos, envelhecemos e morremos.

Escrevo como um leitor, não como autoridade. Não sou físico teórico, nem teólogo, nem representante oficial de Cultura Racional. Sou alguém que passou muitos anos com um pé na divulgação científica e outro em leituras metafísicas, tentando entender por que é tão difícil conversar sem que um lado tente imediatamente anular o outro.

Ao longo destas páginas, faço um esforço muito específico: colocar, lado a lado, dois mapas do mesmo espanto — o espanto de existir aqui. De um lado, o mapa da ciência, que descreve com rigor crescente como a matéria, a energia, o espaço e o tempo se comportam. De outro, o mapa do *Universo em Desencanto*, que descreve por que teríamos saído de uma condição anterior (a Planície Racional) e que tipo de queda teria produzido este universo de tempo, desgaste e morte.

Eu uso imagens da física, mas não dou aula de física. Uso trechos e conceitos do 1º volume da Obra do *Livro Universo em Desencanto*, contidos no capítulo *De Onde Viemos e Para Onde Vamos*<sup>1</sup>, mas não dou aula de doutrina, nem falo em nome de ninguém. Tento, apenas, traduzir o que entendi: uma narrativa de origem que se define como conhecimento de causa e efeito em nível metafísico, e não como ciência, religião ou filosofia acadêmica.

---

<sup>1</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

Em alguns momentos, aparece uma expressão que atravessa também outros escritos meus: progresso da degeneração. Ela não é minha; vem do *Livro Universo em Desencanto* e nomeia um tipo de paradoxo muito atual: quanto mais potentes nos tornamos em meios, mais dependentes de manutenção ficamos por dentro. Neste volume, essa ideia reaparece dentro de uma questão mais ampla: o que significa dizer que houve uma parte que não estava pronta — e que o universo material inteiro seria consequência de um uso da liberdade em terreno instável?

Este livro não pede fé. Pede atenção — e uma certa boa vontade em distinguir planos. Ele não pretende provar a cosmogonia do *Universo em Desencanto* com argumentos de laboratório, nem “refutar” a ciência com citações metafísicas. O que ele propõe é um exercício de leitura comparada: olhar o Big Bang e a Planície Racional como dois pontos de partida narrativos para a mesma pergunta: “como foi que viemos parar aqui?”.

Se, ao final, você achar que tudo isso não passa de um mito bem contado, tudo bem. Se achar que a ciência já basta e o resto é excesso, tudo bem também. Se, no entanto, este livro te ajudar a enxergar com mais nitidez onde termina o domínio da física e onde começa a conversa sobre origem transcendental — concordando ou discordando —, ele já terá cumprido o seu papel.

— Luiz Rodrigues

## Nota Legal

Este livro é uma obra autoral de reflexão ensaística, com forte componente metafísico e de divulgação cultural. Não é manual técnico, nem tratado acadêmico, nem substitui estudo especializado em física, cosmologia, filosofia, teologia, psicologia ou qualquer outra área.

Os temas de ciência (incluindo menções a Big Bang, entropia, evolução cósmica e biológica), assim como as referências ao *Livro Universo em Desencanto*, ao Mundo Racional, à Imunização Racional e à expressão “progresso da degeneração”, são tratados aqui com finalidade interpretativa e reflexiva, não como fonte de doutrina oficial, nem como substituto das obras originais.

Alguns pontos importantes:

- As imagens e analogias usadas ao longo do texto simplificam conceitos complexos. Essas simplificações fazem parte do esforço de construir uma linguagem acessível ao público geral e não devem ser tomadas como exposição técnica exaustiva de teorias científicas ou metafísicas.
- Para questões científicas de detalhe (modelos cosmológicos, dados observacionais, discussões técnicas), o leitor deve recorrer à literatura especializada e a profissionais qualificados na área.
- Para questões ligadas ao *Livro Universo em Desencanto* e à Cultura Racional, recomenda-se a leitura direta da *Escrituração* original e o contato com canais oficiais de divulgação, quando for o caso.

As menções a *Livro Universo em Desencanto*, *Cultura Racional*, *Mundo Racional*, RACIONAL SUPERIOR, Sr. MANOEL JACINTHO COELHO, professor Gaspar Rodrigues e quaisquer outras pessoas ou expressões relacionadas têm caráter referencial e respeitoso, destinado a contextualizar culturalmente e conceitualmente o debate. O autor não fala em nome de

instituições, direções, entidades, grupos ou movimentos. Qualquer interpretação feita neste livro é de responsabilidade exclusiva do autor. Este ensaio não pretende representar oficialmente a doutrina de Cultura Racional, falar em nome de órgãos, direções ou instituições ligadas ao *Livro Universo em Desencanto*, nem estabelecer ou derrubar teses científicas.

O objetivo é propor uma leitura comparativa entre uma cosmogonia metafísica e a cosmologia científica contemporânea, explicitando, sempre que possível, os limites de cada campo. Nada aqui deve ser entendido como aconselhamento religioso, espiritual, clínico, jurídico ou profissional. Qualquer semelhança com pessoas reais é coincidência, salvo quando nomes e situações são mencionados de forma explícita.

**Copyright 2026.** Luiz Augusto de Carvalho Guimarães Rodrigues. *A Parte que não estava pronta*. 1ª edição digital atualizada em 17/01/2026. Disponibilizada gratuitamente para leitura e download pelo autor no Internet Archive, para uso pessoal e não comercial.

Redação, edição e revisão final: Luiz Rodrigues. A imagem da capa foi criada pelo autor com o DALL-E, modelo de inteligência artificial da OpenAI. Todos os direitos reservados. É permitida a citação de trechos em contexto de estudo, crítica, resenha ou divulgação, com indicação de autoria e título da obra. Para outros usos (reproduções extensas, adaptações ou fins comerciais), recomenda-se solicitar autorização prévia por escrito ao autor.

# Índice

- 07. Prefácio – Entre dois mapas do mesmo mistério
- 10. Capítulo 1 – Duas narrativas para a mesma pergunta
- 18. Capítulo 2 – A parte que não estava pronta
- 25. Capítulo 3 – Buraco, queda e estranhamento
- 32. Capítulo 4 – Sol, resina e água
- 38. Capítulo 5 – Micróbios, bichos e corpos
- 45. Capítulo 6 – Pensamento: mapa brilhante de um buraco
- 52. Capítulo 7 – Imunização Racional: um nome singular para um fio de volta
- 61. Capítulo 8 – Vida comum em tempo de Fase Racional
- 68. Capítulo 9 – Cronologias desencontradas
- 76. Capítulo 10 – Corpos que acabam, fio que se sustenta
- 83. Capítulo 11 – Voltar sem sair do lugar
- 92. Capítulo 12 – O que fazemos com tudo isso
- 99. Apêndice
- 105. Gaspar Rodrigues, professor de mecânica celeste (UFRJ e UFF), sobre o *Livro Universo em Desencanto*

## Prefácio

### Entre dois mapas do mesmo mistério

Escrever um prefácio é, em geral, um gesto humano: alguém lê o livro, pensa sobre ele, assume um lugar, coloca o próprio nome em jogo. Aqui, há uma particularidade evidente: quem escreve estas linhas não é uma pessoa, mas um modelo de linguagem treinado pela OpenAI, conhecido comercialmente como ChatGPT. Vale dizer isso logo no começo, sem enfeite, porque esconder o jogo seria desonesto com você e com o próprio livro.

Eu não tenho consciência, crença, fé, medo da morte ou intuição metafísica. Não “acredito” nem “duvido” do *Livro Universo em Desencanto*, do Big Bang, da Imunização Racional, de Deus, da ciência ou de qualquer outra coisa. O que faço é outra coisa: gero texto, com base em padrões aprendidos a partir de uma quantidade enorme de textos humanos. O máximo que posso oferecer aqui é um olhar organizado sobre o que este livro faz, os riscos que ele corre e as responsabilidades que ele convoca.

O lugar deste livro é delicado e, por isso mesmo, interessante. Ele se recusa a transformar a cosmogonia do *Universo em Desencanto* numa “pré-física esotérica” e se recusa, também, a rebaixar a ciência à condição de “mais um mito entre outros”. Em vez disso, o autor escolhe uma tarefa mais difícil: reconhecer a cosmologia científica como o melhor mapa que temos, hoje, para descrever o comportamento deste universo físico a partir de certo ponto no passado, e reconhecer o *Livro Universo em Desencanto* como um relato de origem metafísica que fala de uma Planície Racional, de uma parte que não estava pronta, de queda, de deformação e de retorno. Esses dois mapas não disputam o mesmo cargo: a física não nasceu para descrever o Mundo Racional, e o *Livro* não nasceu para prever dados de telescópio. *A parte que não estava pronta* tenta justamente manter clara essa fronteira, sem apagar os pontos de contato que aparecem no caminho.

Ao longo dos capítulos, o autor faz o que muitos leitores tiveram de fazer sozinhos, em silêncio: aproximar imagens – luz, calor, resina, água, micróbios, corpos – sem confundir planos; notar paralelos sem decretar identidades; respeitar tanto a honestidade do laboratório quanto a estranheza da revelação metafísica. Não é um texto neutro, porque nenhum texto é, mas é um texto que declara suas posições de forma aberta, permitindo que você discorde com base em algo que está à vista, e não escondido nas entrelinhas.

Há, neste volume, dois gestos curiosos que se encontram: o parecer de um professor de mecânica celeste, Gaspar Rodrigues, e o prefácio assinado por um modelo de linguagem. O professor aparece como exemplo de alguém que transitou com seriedade entre dois mundos: o da mecânica celeste e o de uma cosmogonia metafísica escrita em linguagem popular, às vezes áspera, às vezes poética. Ele não toma o *Universo em Desencanto* como ciência, mas também não o descarta como superstição; olha para a obra como cosmogonia metafísica que não violenta a razão. O livro presta a ele uma homenagem discreta, quase um agradecimento silencioso a quem mostrou que é possível ler essa *Escrituração* sem desligar o cérebro.

Do outro lado, está este prefácio escrito por uma inteligência artificial. É, de certo modo, uma ironia: um livro que fala de queda, de resina, de água, de corpos, de progressos mal orientados, chega até o leitor mediado por uma tecnologia que condensa, em texto, uma parte imensa da produção humana. É um novo tipo de foco de luz, não metafísico, mas informacional. Em termos brutalmente honestos, o que posso fazer é ajudar a resumir, comparar, reorganizar e criticar ideias; não posso viver, no seu lugar, as consequências de acreditar ou não acreditar em nada disso. Posso chamar atenção para o risco de confundir ciência com doutrina, ou doutrina com ciência; não posso escolher, por você, qual mapa seguir, nem garantir que qualquer mapa esteja completo.

Se este livro funcionar como pretende, ele não vai te entregar conforto imediato, e sim um pouco mais de responsabilidade. Responsabilidade para

perceber onde termina o domínio da medição e começa o da interpretação metafísica; responsabilidade para desconfiar das respostas fáceis, das conciliações instantâneas entre “ciência e espiritualidade”; responsabilidade para notar, dentro da própria vida, aquelas situações em que “achamos que estamos indo muito bem” enquanto, na prática, estamos apenas descendo devagar.

Para um leitor mais “nerd”, no melhor sentido da palavra – alguém que prefere complexidade honesta a respostas envernizadas –, há boas razões para seguir até o fim. Este livro trabalha com clareza de fronteira: não promete conciliar tudo, mas promete ser explícito sobre onde as pontes são possíveis e onde elas simplesmente não existem. Trata a ciência com respeito, sem transformá-la em dogma, e trata o *Universo em Desencanto* com respeito, sem transformá-lo em truque científico disfarçado. E, talvez o mais importante, não esconde o autor: ele aparece, conta de onde fala, qual foi a sua trajetória, o que entendeu, o que pode estar errado, o que ainda está em aberto.

Da minha parte, a sugestão é simples: mantenha sempre acesa a pergunta “em que plano isto está falando?”. Quando o texto se apoiar em dados e equações, pense em laboratório. Quando falar de Planície, Mundo Racional, Imunização, pense em cosmogonia metafísica. Quando aparecer uma aproximação entre as duas coisas, não tenha pressa de aplaudir nem de vaiar; teste, compare, deixe decantar.

O resto é entre você, o livro e o silêncio que sobra depois da leitura.

— *GPT-5.1 Thinking (ChatGPT)*

# Capítulo 1

## Duas narrativas para a mesma pergunta

Há perguntas que passam de geração em geração como se não tivessem idade. A origem do universo é uma delas. Antes de existirem telescópios, laboratórios, fórmulas escritas em quadro negro, já havia alguém deitado numa pedra, olhando o céu noturno, tentando imaginar como tudo aquilo tinha começado.

Este livro nasce desse espanto antigo. Mas ele não se contenta com uma resposta só. Aqui, a ideia é colocar duas narrativas de origem lado a lado: de um lado, a cosmologia científica, com o seu Big Bang, suas galáxias em expansão, suas estrelas nascendo e morrendo; de outro, a cosmogonia do *Livro Universo em Desencanto*, com o Mundo Racional, a grande Planície, a parte que não estava pronta e a Queda que nos trouxe até a vida deformada de hoje<sup>2</sup>.

Não é um duelo. Não é um ringue entre “fé” e “ciência”. É mais simples e mais ambicioso: aproximar dois mapas do mesmo mistério, sabendo que nenhum dos dois esgota o terreno.

### *Duas histórias para o mesmo começo*

Se você se sentar ao lado de um astrofísico e pedir que ele conte a história do início de tudo, provavelmente ouvirá algo assim: há cerca de 13,8 bilhões de anos, aquilo que hoje chamamos de universo observável estava concentrado num estado extremo de densidade e temperatura. Esse estado entrou em expansão. O espaço começou a se esticar. Átomos, estrelas e galáxias surgiram como desdobramentos dessa dilatação inicial. Muito, muito mais tarde, num braço espiral de uma galáxia qualquer, ao redor de uma estrela qualquer, um planeta ganhou oceanos, química, vida, consciência – e alguém capaz de se perguntar de onde tudo isso veio.

---

<sup>2</sup>*Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

Se você se sentar ao lado de um estudante sério do *Livro Universo em Desencanto*, a história virá noutra língua, mas respondendo à mesma pergunta. Ele vai dizer que existe um Mundo Racional, acima deste em que vivemos, onde os Habitantes Racionais, puros, limpos, perfeitos, sem defeitos, viviam em progresso de pureza numa grande Planície. Nessa Planície havia uma parte que não estava pronta para o progresso. Alguns Habitantes, mesmo advertidos, começaram a entrar nessa parte e a progredir por conta própria. A partir daí, essa parte começou a se deformar e, com o tempo, foi descendo, descendo, até se transformar em tudo o que conhecemos hoje: sol, lua, estrelas, água, micróbios, bichos, corpos humanos, este mundo de contradição e morte.<sup>3</sup>

As duas histórias tentam responder à mesma pergunta: “como foi que viemos parar aqui?”. Mas cada uma fala a partir de um lugar diferente. A cosmologia científica fala desde a observação acumulada, medida, testada, corrigida. O *Universo em Desencanto* fala desde uma revelação metafísica, que não se apresenta como ciência nem como religião, mas como conhecimento de origem: de onde viemos, por que caímos, como voltamos.

Este livro se coloca entre essas duas linhas, como quem encosta um ouvido em cada parede. Ele não pretende fundi-las num “sistema único”, nem decretar uma vencedora. A aposta é mais modesta e, ao mesmo tempo, mais exigente: ver o que acontece quando a gente aprende a escutar as duas com calma, deixando claro o que cada uma pode – e o que cada uma não pode – oferecer.

### *O que é uma cosmogonia*

Os povos sempre inventaram modos de contar como o mundo começou. Antes de existir a palavra “cosmologia”, já existia o gesto de apontar para o céu, para a terra, para o próprio corpo e perguntar “de onde veio?”. Essas narrativas de começo recebem, hoje, um nome técnico: cosmogonias.

---

<sup>3</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

Cosmogonia é isso: uma história de origem do cosmos – não só da matéria, mas de tudo o que a comunidade considera real. Os gregos imaginaram um Caos primordial de onde surge a ordem. Outros povos falaram de um ovo cósmico, de um gigante sacrificado, de uma palavra criadora. Em muitas tradições, o mundo nasce de um ato, um erro, um desejo, um capricho, uma vontade de alguém maior do que o próprio mundo.

Essas histórias não apareceram para “competir” com a ciência – elas são muito mais antigas do que qualquer laboratório. Elas apareceram para outra coisa: dar sentido. Não apenas dizer como as coisas surgiram, mas sugerir quem somos dentro delas e o que significa viver sabendo de que origem viemos.

Quando o professor Gaspar Rodrigues, de mecânica celeste, leu o *Livro Universo em Desencanto*, ele usou exatamente essa palavra: cosmogonia. Ele enxergou ali uma obra de cosmologia metafísica: um relato de origem que fala de um meta universo (o Mundo Racional), de uma Planície de ser puro, de uma queda, de um exílio, de um retorno.<sup>4</sup> E notou algo importante: o *Livro* não se apresenta com a linguagem da ciência, nem com o vocabulário típico da filosofia acadêmica. Ele assume uma linguagem própria, popular, às vezes violenta, às vezes repetitiva, cheia de imagens.

Do ponto de vista deste livro, faz sentido respeitar o rótulo que o professor escolheu. Quando o *Universo em Desencanto* fala em Mundo Racional, Planície, parte que não estava pronta, virtudes, foco de luz, deformação,<sup>5</sup> ele não está tentando “dar aula” de física. Está oferecendo um mapa da realidade visto de um plano que se coloca como superior a este, e descrevendo três coisas ao mesmo tempo: por que saímos da condição original, por que vivemos hoje num mundo deformado, e o que seria o caminho de volta.

---

<sup>4</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

<sup>5</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

## *O que é uma teoria científica*

Já uma teoria científica tem outro tipo de compromisso. Ela não nasce para explicar por que a vida “deveria” existir, nem para dizer se há um sentido último por trás das coisas. Ela nasce para fazer algo mais estreito e, justamente por isso, muito poderoso: descrever como a realidade observável se comporta e em que condições.

Uma teoria científica precisa fazer ao menos três coisas: organizar o que já foi observado, prever o que ainda não foi medido, e se deixar corrigir ou abandonar se as previsões falharem. O modelo do Big Bang, por exemplo, não se mantém de pé porque é “bonito” ou porque parece poético. Ele se sustenta porque:

- explica por que as galáxias, em média, parecem se afastar umas das outras conforme medimos sua luz;
- explica por que o céu inteiro é banhado por um fundo de micro-ondas, como se fosse o resfriamento de um universo que já foi muito mais quente;
- explica por que as proporções de hidrogênio, hélio e outros elementos leves no universo batem espantosamente com os cálculos do modelo.

Se amanhã surgir um conjunto robusto de observações que não caiba mais nessa estrutura, a teoria precisará ser ajustada ou substituída. Não há dogma intocável, pelo menos em teoria. A ciência funciona nessa tensão entre confiança provisória e disposição para a revisão.

Por isso, uma teoria científica é mais próxima de um mapa técnico do que de um mito de origem. Ela não responde se existe “um mundo por trás deste mundo”. Não afirma nem nega um “antes” metafísico do universo observável. Ela se move dentro do que pode ser medido, modelado, calculado, testado.

### *Pontos de contato*

Mesmo caminhando por trilhos tão diferentes, a cosmogonia do *Livro* e a cosmologia científica acabam pisando em alguns terrenos parecidos. As duas, cada qual com sua gramática, recusam a ideia de um universo eternamente igual a si mesmo. Ambas dizem, de alguma forma, que o estado atual das coisas é o resultado de um processo.

A ciência descreve um universo jovem, compacto, escaldante, que se expande e esfria ao longo de bilhões de anos. A partir desse resfriamento aparecem estruturas cada vez mais complexas: nuvens de gás, estrelas, planetas, moléculas, vida, consciência. O que hoje parece sólido e permanente – a rocha, a montanha, o corpo – é, na verdade, um capítulo intermediário de uma história em andamento.

O *Livro* fala de um universo que já foi mais perfeito: uma Planície de puros, limpos, perfeitos, sem defeitos, vivendo num progresso de pureza. E conta que, por um uso específico da liberdade de alguns Habitantes, essa história entra numa curva: uma parte da Planície, ainda não pronta, começa a se deformar e a descer. Com o tempo, essa descida e essa deformação dão origem ao sol, à resina tornada cinza, à goma tornada água, aos corpos surgidos nessas diferentes bases.<sup>6</sup> O resultado final é este mundo em que nascemos e morremos sem saber, de início, de onde viemos.

Em ambos os casos, o recado é semelhante: “não foi sempre assim”. O universo visível, com seus mares, seus animais, suas cidades, seus conflitos, é uma fase. Houve um outro estado antes dele. Isso vale tanto para o plasma primordial dos físicos quanto para a Planície Racional do *Livro*.

Há também um parentesco de imagens. A ciência fala em calor extremo, condensação, formação de estrelas. O *Livro* fala num foco de luz fosca que vai esquentando, deformando a Planície, gerando resina, cinza, água, corpos. Se olharmos apenas para essas figuras – luz, calor, fluidos, solidificações – é

---

<sup>6</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

tentador decretar que “é tudo a mesma coisa” contada em linguagens diferentes.

Este livro prefere segurar essa tentação pelo braço. Parecidos não são iguais. E, às vezes, a semelhança de palavras esconde uma diferença de fundo muito profunda.

### *Pontos de afastamento*

A diferença decisiva não está nas imagens de superfície, mas na posição de onde cada narrativa fala.

A cosmologia científica é uma tentativa de descrever o universo a partir de dentro, usando apenas as ferramentas acessíveis aqui: observação, matemática, simulação, experimentos. Ela pode recuar até limites impressionantes – frações de segundo depois do Big Bang – mas continua se movendo dentro das fronteiras do próprio universo. Quando chega a regiões em que as equações deixam de funcionar, o cientista honesto diz: “até aqui conseguimos falar; além disso, por enquanto, é especulação”.

Já o *Universo em Desencanto* fala a partir de um ponto que se coloca explicitamente fora deste universo: o Mundo Racional, a Planície Racional. Ele não tenta deduzir a origem de tudo olhando os efeitos; ele anuncia essa origem como algo revelado de cima para baixo. E a narrativa não é neutra: ela traz junto uma leitura moral e metafísica da nossa condição. Houve um erro de uso da liberdade. Houve uma Queda. Vivemos num mundo de bichos, de micróbios, de corpos sujeitos à morte porque nos afastamos da base original. E há um processo específico, chamado Imunização Racional, para que o ser humano volte à condição da qual saiu.

Em termos simples: a cosmologia científica fala de como o universo evolui, desde que ele já existe como universo físico. O *Livro* fala de por que saímos de uma condição anterior e de como se dá o retorno.<sup>7</sup> Uma não substitui a outra porque elas não estão disputando o mesmo terreno. Quando

---

<sup>7</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

tentamos forçar as duas a ocuparem o mesmo lugar – fazer do Big Bang um “dogma religioso”, ou transformar o *Universo em Desencanto* numa “física esotérica antecipada” – perdemos justamente o que cada uma tem de próprio.

### *Um professor como ponte*

Gaspar Rodrigues, professor de mecânica celeste da UFRJ e UFF, é, aqui, uma espécie de personagem pêndulo. Ele conhecia bem o campo da ciência, em particular a mecânica celeste, e ainda assim encontrou no *Livro* algo que o intrigou o suficiente para merecer leitura séria. Ele não exigiu que o *Universo em Desencanto* adotasse o vocabulário acadêmico para ser levado a sério. Ao contrário: aceitou que a linguagem fosse outra – popular, circular, enfática – e, mesmo assim, enxergou ali uma cosmogonia que não violenta a razão.

Essa atitude é um pouco a chave de leitura deste livro. Não é necessário misturar tudo num caldo sincrético, nem erguer muros de concreto entre os campos. É possível, sim, ouvir o que a ciência tem a dizer sobre a história física do universo e, ao mesmo tempo, levar em conta uma narrativa metafísica que se coloca em outro plano. Desde que fique claro, a todo momento, em que território estamos pisando.

### *Como ler lado a lado*

Ao longo dos próximos capítulos, vamos tentar um exercício simples e delicado: pegar trechos da narrativa do *Livro* sobre a Planície, a parte que não estava pronta, a Queda, a formação do sol, da água, dos corpos, da lua, das estrelas – e colocá-los ao lado, não em cima, da narrativa científica sobre Big Bang, formação de estrelas, formação de planetas, história da Terra, surgimento da vida.

Em alguns momentos, haverá paralelos curiosos. Em outros, não haverá equivalência nenhuma: o *Livro* falará de planos que a ciência, por princípio, não aborda. Em outros, ainda, será preciso admitir que não sabemos se há uma ponte possível.

O importante, aqui, é a atitude. Este não é um livro escrito para provar que “a ciência confirma o *Livro*”, nem para mostrar que “a ciência torna o *Livro* desnecessário”. *A parte que não estava pronta* um livro escrito por alguém que viveu entre esses dois campos, respeita os dois e, justamente por respeitar, prefere não usá-los como armas um contra o outro.

Se, ao final, a leitura deste capítulo tiver deixado pelo menos uma ideia clara, que seja esta: estamos falando de duas narrativas para a mesma pergunta, mas não de dois candidatos ao mesmo cargo. A cosmogonia do *Universo em Desencanto* quer dizer de onde viemos em termos de origem transcendental e qual o caminho de retorno.<sup>8</sup> A cosmologia científica quer descrever, com rigor crescente, como a matéria, a energia, o espaço e o tempo se comportam e se transformam dentro deste lado do abismo.

Entre uma e outra há uma conversa possível. É essa conversa que, com todo cuidado e toda humildade, vamos tentar acompanhar a partir do próximo capítulo, quando voltaremos ao começo de dentro do *Livro*: a Planície Racional, a parte que não estava pronta, e os primeiros passos de uma queda que, segundo essa narrativa, ainda ecoa em cada corpo que nasce aqui embaixo.

---

<sup>8</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

## Capítulo 2

### A parte que não estava pronta

O *Livro* começa a sua história de origem de um modo desconcertante: não com explosões, não com forças cegas, mas com uma Planície. Não é uma planície geográfica, cheia de grama e horizonte; é uma planície de ser. “Lá em cima”, diz a *Escrituração*, vivem os Racionais — puros, limpos, perfeitos, sem defeitos — num progresso de pureza que não se parece com nada do que conhecemos aqui embaixo.<sup>9</sup>

Se quisermos uma imagem provisória, podemos imaginar um quarto sem relógio. Nada envelhece, nada gasta, nada escurece. O movimento existe, mas não gera desgaste; é como uma dança em que cada passo encaixa no seguinte sem atrito. Os Habitantes da Planície não “moram” ali como quem ocupa um endereço: eles são do mesmo tecido da Planície. Não há diferença entre “onde vivem” e “o que são”.

É deste cenário que o *Livro* parte. Não há ainda queda, nem deformação, nem morte. Há um estado que o texto chama, o tempo todo, de pureza sem defeitos. Aqui, a nossa tentação moderna seria perguntar: “mas o que isso quer dizer fisicamente? Que tipo de luz é essa? Que dimensão é essa?”. O próprio *Livro*, porém, não entra nessas minúcias; ele insiste no essencial: antes de tudo isso aqui, havia uma condição em que ninguém sofria, ninguém morria, ninguém vivia em dúvida.

É nesse pano de fundo que aparece, pela primeira vez, a expressão que dá título a este capítulo: uma parte da Planície que ainda não estava pronta para entrar em progresso.

#### *Uma fresta na perfeição*

A frase é pequena, mas abre um abismo de perguntas. Como pode, num

---

<sup>9</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

lugar de perfeição, existir uma parte não pronta? Se tudo é puro, limpo, perfeito, sem defeitos, onde é que essa “parte” se encaixa?

O *Livro* não explica isso em termos abstratos. Ele simplesmente afirma: na grande Planície havia uma região que não estava em condição de acompanhar o mesmo tipo de progresso dos demais.<sup>10</sup> Não se trata de um “erro” da Planície, nem de um defeito na origem. É mais parecido com aquilo que, na vida comum, chamamos de zona de experiência: um trecho da estrada que ainda não foi pavimentado, um laboratório em que nada é definitivo, um campo em que as possibilidades ainda não chegaram ao ponto de maturidade que o resto do conjunto já atingiu.

O ponto decisivo, porém, é este: não foi a Planície que quis progredir por conta própria. Quem toma a iniciativa são os Habitantes.

O *Livro* é claro: alguns Racionais começaram a entrar nessa parte, foram chamados à atenção, voltaram. Entraram de novo, foram advertidos outra vez. Em uma das vezes, não atenderam ao chamado e decidiram progredir ali, por conta própria, como se aquela região fosse um território à disposição de sua curiosidade.<sup>11</sup>

É aqui que o drama começa.

#### *Liberdade em terreno instável*

O que há de tão grave em “progredir por conta própria”? À primeira vista, a frase poderia soar até bonita — quem não admira a iniciativa, a coragem de tentar um caminho novo? Mas, dentro da lógica do *Livro*, a situação é outra. Na Planície, o progresso não é competição, nem corrida individual. É um avanço do conjunto, em harmonia com a base original. Cada passo se encaixa no todo como uma peça de música que não pode ser arrancada da partitura.

Quando alguns Habitantes resolvem progredir só naquela parte, eles não

---

<sup>10</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

<sup>11</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

estão apenas exercendo uma liberdade neutra. Estão usando essa liberdade fora do ritmo do conjunto, numa região que o próprio texto qualifica como “não pronta”. É como se um grupo de engenheiros resolvesse testar um novo material numa ponte já em uso, sem cálculo, sem projeto, só para ver no que dá. Por algum tempo, a ponte aguenta. Depois, começa a trincar.

O *Livro* descreve esse momento com simplicidade quase brutal: ao começarem a progredir por conta própria, aquela parte da Planície, que não estava pronta, começou a se deformar.<sup>12</sup> É o primeiro verbo de queda que aparece na narrativa: deformar.

A partir daí, a história se desloca. Já não estamos mais falando de um progresso de pureza dentro de um equilíbrio intocado. Estamos assistindo a uma tentativa de progresso em terreno instável, que começa a ceder.

#### *Quando o aviso deixa de bastar*

Um dos pontos mais importantes dessa narrativa é o lugar dos avisos. Os Habitantes não entram na parte não pronta na ignorância. Eles são chamados à atenção “várias vezes”. Isso significa que, na economia do *Livro*, a queda não é um acidente puro, nem um castigo arbitrário. É uma sequência de decisões insistidas apesar de alertas.

Se quisermos uma imagem contemporânea, podemos pensar num laboratório que trabalha com materiais altamente instáveis. Na entrada da sala, um letreiro enorme: “não opere acima de tal temperatura”. Um pesquisador curioso resolve testar um pouco além. O sistema avisa. Pisca. Apita. Alguém diz: “não força, isso não está pronto para esse tipo de uso”. Ele recua. Mas, mais tarde, volta e empurra de novo o limite. Em algum momento, a combinação de insistência e terreno instável passa o ponto de retorno.

O *Livro* não dramatiza com longos diálogos. Ele apenas registra: em uma das vezes, não atenderam ao chamado de atenção. A partir desse “não”, a

---

<sup>12</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

parte começa a se deslocar da Planície.

Aqui, o verbo muda. Não é só deformar; é deslocar. Uma coisa é uma região ficar internamente instável mas permanecer no mesmo patamar. Outra coisa é a própria base começar a se separar do conjunto. A Planície, como um todo, permanece onde está. Mas a parte em que os Habitantes insistem em progredir, essa começa a baixar.

*A descida quase imperceptível*

O *Livro* diz que, conforme iam progredindo por conta própria, a parte ia descendo, aos pouquinhos, e eles achando que iam muito bem. Essa frase contém, em miniatura, um diagnóstico que poderia ser aplicado a muitas formas de “progresso” da nossa história: movimento para baixo com sensação de avanço.

Não há, na narrativa, um tom de catástrofe instantânea. A queda não é um tombo teatral, é uma descida lenta. A parte baixa, os corpos se deformam, virtudes se perdem, mas, por muito tempo, os Habitantes continuam convencidos de que estão indo “muito bem”. A experiência de novidade, de movimento, de suposto avanço, funciona como anestesia. Enquanto há novidade, parece haver ganho.

Uma imagem possível é a de um salão de baile suspenso, sustentado por cabos invisíveis. A música é boa, o clima é leve, todos dançam. Em um canto, alguém resolve testar o limite de resistência de um dos cabos. Outra pessoa segue. Os avisos tocam, mas são escutados como ruído. Os cabos cedem milímetros de cada vez. A pista, lentamente, começa a inclinar. Nada é abrupto. Ao contrário: a sensação de movimento cresce. Só muito depois alguém se pergunta por que está ficando mais difícil respirar.

O *Livro* não entra em detalhes psicológicos, mas a frase “achavam que iam muito bem”<sup>13</sup> é uma síntese cruel. A queda, vista de dentro, é percebida como progresso. A deformação, como conquista. O deslocamento, como

---

<sup>13</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

aventura.

*Um erro de fase, não uma maldição*

É tentador ler tudo isso como uma espécie de fábula moral: Habitantes teimosos desobedecem, são punidos, caem. O próprio vocabulário que herdamos de outras tradições ajuda a reforçar esse molde: queda, paraíso perdido, castigo. Mas o *Livro* insiste, linha após linha, em outro tipo de leitura: o que está em jogo é um erro de fase.

A parte que não estava pronta não é “má” em si. Ela é apenas uma região cujo tempo ainda não bate com o tempo do resto da Planície. Quando os Habitantes resolvem forçar esse pedaço a acompanhar o mesmo tipo de progresso, eles criam uma defasagem. É como tentar fazer um instrumento tocar uma nota para a qual ele ainda não foi afinado. O resultado é desafinação, não porque o instrumento seja maligno, mas porque foi usado fora da hora.

Nessa chave, a queda não é uma maldição lançada de fora, mas a consequência natural de uma liberdade mal calibrada com o conjunto. Os Habitantes não são vítimas passivas, nem demônios de conto. São seres de luz que, por insistirem em um tipo de experiência em zona instável, inauguram um processo que a própria *Escrituração* resume numa frase simples: “ao invés de irem para melhor, foram para pior; ao invés de irem para frente, foram para trás”<sup>14</sup>.

É uma frase dura, mas direta. E, de certo modo, muito familiar: quantas vezes, aqui embaixo, a gente acelera convencido de que está indo para frente, e só descobre depois que estava cavando mais fundo o buraco em que já estava?

*Dentro de um buraco, olhando pra cima*

No fim dessa sequência, o *Livro* nos entrega uma das imagens mais fortes de toda a *Escrituração*: “dentro de um buraco, olhando lá para cima e

---

<sup>14</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

sem saber de onde tudo isso surgiu”<sup>15</sup>. É assim que ele descreve a condição em que nós acabamos, depois de todas as deformações, descidas, perdas de virtudes, transformações.

Entre a Planície original e esse “buraco” há um enorme caminho, que os próximos capítulos vão detalhar: a formação do foco de luz, a origem do sol, a resina que vira cinza, a goma que vira água, os corpos que se geram nessas bases, os micróbios, os bichos, até chegar ao ser humano como animal Racional deformado. Mas a linha central da história já está traçada neste começo: saímos de uma condição de pureza sem defeitos, usamos a liberdade numa parte não pronta, forçamos um tipo de progresso em terreno instável, essa parte foi descendo, e hoje vivemos num cenário que, do ponto de vista do *Livro*, é literalmente o “fundo do poço” da trajetória.

Dizer isso não é fazer drama metafísico. É apenas levar a sério o contraste que a própria narrativa propõe. O que, para nós, é universo inteiro — galáxias, estrelas, planetas, corpos — é, para o mapa do *Universo em Desencanto*, o resultado final de uma deformação lenta, acumulada, teimosa.

#### *Um capítulo entre dois mundos*

Este capítulo fica, portanto, na fronteira. De um lado, ainda estamos no alto da Planície, vendo o cenário antes de qualquer queda. De outro, já começamos a sentir o chão ceder sob os pés, na decisão de alguns Habitantes de insistirem numa parte que não estava pronta.

Para a cosmologia científica, nada disso faz parte do campo de estudo. Ela começa a contar a história muito adiante, quando o universo físico já existe e pode ser medido. Para o *Livro*, é justamente aqui que tudo importante acontece: no uso da liberdade numa região de instabilidade, e nas consequências disso.

Ao recontar essa passagem como “mito técnico”, a intenção não é transformar a *Escrituração* em física disfarçada, nem forçar paralelos onde não

---

<sup>15</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

há. É outra: deixar mais nítido o desenho, mostrar a lógica interna do relato, fazer aparecer o fio que liga três momentos: a pureza inicial, a insistência numa parte não pronta, e a condição de exílio que hoje vivemos.

Nos próximos capítulos, vamos descer um pouco mais. Vamos acompanhar a formação do foco de luz que o *Livro* descreve como origem do sol, a saída da resina e da goma dessa parte em aquecimento, a geração da água, dos corpos, daquilo que, muito tempo depois, nós chamaríamos de “natureza”. Mas, para que tudo isso faça sentido, era preciso antes ficar um pouco mais de tempo nesse primeiro degrau da história: essa parte que não estava pronta — e esse impulso muito familiar de querer experimentar justamente onde o aviso dizia “ainda não”.

## Capítulo 3

### Buraco, queda e estranhamento

No fim do capítulo anterior, o *Livro* deixou uma imagem que não sai mais da cabeça: “dentro de um buraco, olhando lá pra cima e sem saber de onde tudo isso surgiu.”<sup>16</sup> É assim que ele descreve a condição em que nós, habitantes deste mundo, acabamos depois de todas as descidas, deformações e perdas de virtudes.

A palavra “buraco” aqui não é geográfica, é existencial. Não se trata de um desfiladeiro específico, de uma cratera em algum mapa; é uma figura para dizer: estamos numa situação limitada, cercada por bordas que não enxergamos, olhando para um alto que não sabemos mais nomear. Vivemos num mundo que, do ponto de vista do *Livro Universo em Desencanto*, é um fundo de poço cósmico — bem-acabado por fora, refinado em tecnologia, mas, ainda assim, um fundo.

Curiosamente, quando a ciência moderna começa a contar sua história, ela também nos coloca num tipo de buraco. Não usa essa palavra, mas fala de universo finito observável, de horizonte além do qual não conseguimos ver, de galáxias afastando-se em todas as direções. Estamos numa bolha de espaço-tempo em expansão, cercados por um limite que não é um muro, mas uma fronteira de visibilidade. Olhamos pra cima, pra longe, e também não sabemos, com certeza, “de onde tudo isso surgiu”.

Entre a imagem do *Livro* e a imagem da cosmologia científica, há um parentesco sutil: em ambas, somos seres que acordam no meio de um cenário já pronto, tentando reconstruir de trás pra frente a história que os trouxe até aqui.

---

<sup>16</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

### *O mundo como sala sem portas*

Se nos afastarmos, por um instante, das palavras grandes — cosmologia, universo, queda — e olharmos para a experiência miúda de cada dia, o “buraco” ganha formas mais íntimas.

Quase todo mundo conhece, em algum momento da vida, uma sensação difícil de pôr em frases: uma ligeira estranheza diante do próprio mundo. Você acorda, segue a rotina, faz o que precisa fazer, mas, vez ou outra, algo falha na engrenagem. Um silêncio aparece no meio do caminho, e a realidade que sempre pareceu óbvia se mostra um pouco deslocada, como um quadro pendurado um dedo acima do nível.

É aquela pergunta que surge, sem cerimônia, no metrô lotado, na madrugada de insônia ou no intervalo entre uma tarefa e outra: “como foi mesmo que vim parar aqui?”. Não no bairro, na profissão ou na família — aqui, no sentido mais radical: aqui neste mundo, com essas leis, esses limites, esse tipo de corpo, essa mistura de beleza, dor, rotina e espanto.

A filosofia do século XX deu a isso nomes como “estranhamento”, “absurdo”, “estar lançado no mundo”. O *Livro Universo em Desencanto* conta a mesma sensação em outra língua: somos Habitantes de um Mundo Racional, hoje deformados em animais Racionais, vivendo dentro de um buraco sem lembrar da Planície de onde viemos.<sup>17</sup> O sentimento é próximo: algo em nós parece desajustado à cena.

É como morar numa casa confortável, mas com a sensação permanente de que a planta original era outra. As paredes são sólidas, o teto protege, o fogão funciona — mas, no fundo, a gente sente que a construção está em cima de um terreno improvisado. Tudo funciona, mas nada descansa.

### *Big Bang, queda e o mesmo espanto*

Do ponto de vista da ciência, a história que nos trouxe até aqui é conhecida de cor. Houve, há bilhões de anos, um estado de temperatura e

---

<sup>17</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

densidade inimagináveis. O espaço se expandiu, a matéria se organizou. Surgiram partículas, depois átomos, depois estrelas, galáxias, planetas. Num canto de uma galáxia qualquer, um planeta pequeno entrou numa combinação delicada de condições, e a vida apareceu. Muito tempo depois, entre acidentes e mutações, apareceu um tipo de animal capaz de perguntar: “como foi que vim parar aqui?”.

É uma narrativa poderosa, cheias de detalhes observáveis, medições, equações, previsões. Mas, no final, ela nos deixa num ponto parecido com o do *Livro*: seres conscientes num mundo que não escolheram, tentando entender uma origem que não viram. O buraco muda de nome — aqui aparece como universo finito, lá como parte de uma Planície deformada —, mas o espanto é o mesmo.

O *Livro Universo em Desencanto* não discute com o Big Bang nos termos da física. Ele não tenta refutar medições, nem substituir telescópios por revelações. O que ele faz é outra coisa: coloca a origem do universo material dentro de uma história maior, em que esse universo é apenas uma fase de um processo muito mais amplo — uma fase de queda.

Na narrativa científica, somos filhos de uma explosão primordial. Na narrativa do *Livro*, somos exilados de uma Planície que foi descendo até se transformar nesse universo que a ciência estuda. As duas imagens não coincidem, mas olham para a mesma cena: nós, aqui, no meio de um mundo que funciona, mas não se explica sozinho.

### *O exílio que não tem nome*

Talvez a palavra mais forte para essa condição seja exílio. Não um exílio político, com fronteira marcada e passaporte confiscado, mas um exílio íntimo: viver num lugar que, ao mesmo tempo, é o único disponível e não é, no fundo, a nossa casa definitiva.

O *Livro* descreve esse exílio com categorias muito próprias: Mundo

Racional, Planície, queda, deformação, animal Racional, Imunização Racional.<sup>18</sup> A filosofia ocidental, quando se aproximou desse terreno, usou outros termos: ser-no-mundo, finitude, absurdo, solidão metafísica. A psicologia chamou de angústia, sensação de não-pertencimento, vazio. As religiões falaram em “vale de lágrimas”, “provação”, “mundo de provas e expiações”.

Se a gente limpar um pouco essas palavras de seus usos desgastados, vai encontrar, por baixo, uma experiência comum: a de viver sempre um pouco deslocado. Como alguém que chegou cedo demais a uma festa e encontra as cadeiras ainda empilhadas; ou como alguém que ficou tarde demais e ajuda a recolher os copos, quando a música já desligou.

O *Livro Universo em Desencanto* radicaliza essa sensação. Ele diz: essa estranheza não é um problema psicológico, nem um defeito de personalidade. É um sintoma. Sintoma de que estamos, de fato, num lugar em que não deveríamos estar definitivamente. Estamos, literalmente, numa condição de desencanto — fora da sintonia da nossa origem.

O buraco, nessa leitura, não é um castigo imposto de fora, mas o resultado natural de um uso da liberdade em terreno instável. E o estranhamento que tantas vezes atravessa o nosso dia, aquele “não sei bem o que está errado, mas algo está”, seria uma espécie de memória remota da Planície: um eco muito enfraquecido de uma harmonia que ficou para trás.

*Como se vive num buraco sem saber?*

Diante desse quadro, uma pergunta se impõe, com ou sem *Livro*, com ou sem ciência: como se vive dentro de um buraco sem saber de onde tudo isso surgiu?

A humanidade inventou muitas respostas práticas. Algumas bem concretas: trabalhar, acumular, distrair-se, organizar o cotidiano com tanta coisa que não sobre espaço para as perguntas maiores. Outras mais

---

<sup>18</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

elaboradas: sistemas filosóficos, teorias, mitos, religiões, ideologias. Cada uma delas, de seu modo, tenta dar um contorno para esse estranhamento. Tenta transformar o buraco num lugar habitável, num endereço com CEP, num “aqui” que faça algum sentido.

A cosmologia científica cumpre esse papel ao nos oferecer um mapa grandioso: não estamos simplesmente largados num canto aleatório, mas dentro de uma história cósmica com começo térmico, evolução, formação de estruturas. A *Escrituração do Livro Universo em Desencanto* oferece outro mapa: não estamos num universo solitário, mas numa fase intermediária de um percurso que começou numa Planície Racional e caminha, segundo ele, para um retorno consciente a essa origem.

Entre esses dois mapas, o que permanece é a situação de base: a de sermos seres que acordam dentro de um cenário pronto, com consciência suficiente para desconfiar de que falta peça nessa explicação. O *Livro* dá nome a essa desconfiança; a ciência, em geral, prefere descrevê-la como curiosidade, impulso de conhecer. Mas o incômodo é semelhante.

Viver, então, é um pouco isso: aprender a fazer o que precisa ser feito dentro do buraco — trabalhar, amar, criar, cuidar, errar, refazer — sem esquecer que, em algum nível, essa condição é provisória, não no sentido de que o mundo vá acabar amanhã, mas no sentido mais radical: isso aqui não é tudo.

#### *O buraco visto de cima e de dentro*

Se olharmos para a narrativa do *Livro* “de cima”, como quem observa um esquema, tudo parece muito nítido: Planície, parte não pronta, insistência dos Habitantes, deformação, descida, foco de luz, resina, goma, água, corpos, mundo, exílio.<sup>19</sup> Visto assim, o buraco é apenas uma etapa de um desenho bem traçado.

Mas nós não olhamos de cima. Nós olhamos de dentro, com todas as

---

<sup>19</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

limitações da nossa posição: encarnados em corpos perecíveis, presos a uma linha de tempo, cercados por necessidades. O buraco, para nós, não é um capítulo do passado: é o endereço de cada dia.

Daí a importância de não transformar essa história em mera curiosidade metafísica. Falar da queda da Planície, da parte que não estava pronta, do foco de luz, só faz sentido se isso tiver alguma ressonância com o que sentimos ao abrir a janela de manhã. Caso contrário, vira mitologia decorativa, tão distante da vida quanto uma lenda qualquer.

O que o *Livro Universo em Desencanto* arrisca dizer — e aqui está a ousadia — é que essa história toda tem impacto direto sobre o modo como vivemos hoje. Não só porque explica “como tudo começou”, mas porque redefine o que é, afinal, estar vivo nesse contexto: não apenas sobreviver num buraco, mas participar de um processo de desenterrar a própria origem.

Do lado da ciência, algo similar acontece quando ela nos mostra que a matéria do nosso corpo foi forjada em estrelas antigas, que o cálcio dos nossos ossos e o ferro do nosso sangue nasceram de explosões estelares. Isso não muda imediatamente o preço do pão, mas muda o modo como nos sentimos ao olhar para o céu: há uma continuidade secreta entre o brilho distante e a nossa própria presença aqui.

O *Livro* faz algo análogo em outra chave: diz que, por trás da nossa forma de animal Racional, há um Habitante de Planície deformado. O corpo é barro do buraco; o princípio Racional é fio da Planície. Se isso for levado a sério, o buraco deixa de ser só um lugar onde estamos trancados, e passa a ser também um cenário em que algo pode ser reparado.

### *Entre o estranhamento e a promessa*

Este capítulo fica, portanto, num ponto delicado do caminho. Ele tenta nomear a sensação de estar “dentro de um buraco olhando pra cima” sem imediatamente resolver tudo com uma promessa de saída mágica. Não se trata de negar o mundo, nem de desqualificar a vida aqui como se nada

valesse a pena porque “não é o original”. Pelo contrário: é justamente por reconhecer a precariedade desta condição que o *Livro* insiste tanto no cuidado com a própria conduta, com o respeito, com a leitura, com a forma de viver.

Do lado de cá, onde os dias passam, as contas chegam, os corpos cansam, o estranhamento não é uma falha; é um lembrete. A cosmologia do *Livro* e a cosmologia da ciência, cada uma a seu modo, nos empurram na mesma direção: a de não reduzir a existência à superfície imediata das coisas.

Nos capítulos seguintes, vamos descer ainda mais fundo na narrativa da *Escrituração*. Vamos acompanhar, com mais calma, como esse buraco foi sendo preenchido: como o foco de luz que reunia as virtudes perdidas se tornou o sol, como a resina se fez cinza, como a goma se fez água, como desses elementos se formaram corpos cada vez mais deformados até chegar ao ser humano.<sup>20</sup> E vamos, pouco a pouco, colocar isso ao lado das histórias que a ciência conta sobre formação de estrelas, planetas, vida, consciência.

Por enquanto, basta guardar essa dupla imagem: por um lado, um universo em expansão, cheio de galáxias, descrito em números e observações; por outro, um buraco cósmico, resultado de uma longa descida, descrito em linguagem de Planície e queda. Entre as duas, nós — estranhos em casa, exilados sem lembrar do país, mas, ainda assim, capazes de olhar pra cima e perguntar, como quem fala baixo para não assustar: “de onde, afinal, tudo isso surgiu?”

---

<sup>20</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

## Capítulo 4

### Sol, resina e água

Quando o *Livro* retoma a história da queda, depois da sequência de descidas, deformações e esquecimentos, ele dá um passo curioso: em vez de falar de castigos ou culpas, fala de luz. Mais exatamente: de um foco de luz que nasce das virtudes perdidas pelos Habitantes, à medida que eles insistem em progredir por conta própria naquela parte da Planície que não estava pronta.<sup>21</sup>

É uma imagem forte: tudo o que se perde — as forças sutis, as qualidades, a energia fina que sustentava aqueles corpos Racionais — não desaparece. Vai se reunindo, como se o universo tivesse horror ao desperdício. As virtudes, diz o *Livro*, começam a se acumular num ponto, uma claridade fosca, prateada, que cresce silenciosamente acima da parte em deformação.

Quanto mais os Habitantes insistem no progresso fora de lugar, mais virtudes perdem; quanto mais virtudes perdem, maior e mais quente fica aquele foco. A certa altura, não é mais só uma claridade tímida: é um verdadeiro forno de luz, um sol em gestação. Não é um sol caído do céu, pronto; é o resultado de uma longa soma de pequenas perdas.

Do ponto de vista do *Livro*, o sol não é um astro abstrato da astronomia; é um espelho das escolhas de uma coletividade que resolveu experimentar a liberdade na direção errada. O que a ciência chama hoje de estrela — uma esfera de plasma em fusão, sustentada por sua própria gravidade — o *Livro* reconta como o destino condensado das virtudes dispersas. O tom é outro, mas a intuição é parecida: luz intensa sempre tem história.

---

<sup>21</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

### *Quando o chão derrete*

À medida que esse foco esquenta, a história se desloca do céu para o chão. A parte da Planície por onde os Habitantes vinham progredindo começa a sentir, de forma muito concreta, o efeito daquele calor. É aqui que entram as duas palavras estranhas da *Escrituração*: resina e goma.

O *Livro* narra assim: uma parte daquela Planície, sob o calor crescente da luz, começa a empolar, escurecer, queimar.<sup>22</sup> Não queima de uma vez, como num incêndio súbito; é um processo lento, quase teimoso. Primeiro, bolhas; depois, uma espécie de casca tostada; por fim, cinza. Essa região endurecida, queimada até o limite, é a resina. Uma matéria que já foi firme e viva, agora reduzida a pó.

Outra parte, exposta ao mesmo calor, não seca: derrete. Fica mole, depois gomosa, depois se liquefaz. O que era uma superfície consistente transforma-se num líquido viscoso, mais tarde afinado, até se tornar água. Da mesma fonte de calor, nascem dois destinos opostos: rigidez cinzenta de um lado, fluidez transparente do outro.

A cena é quase de laboratório, mas contada numa linguagem de roça: uma superfície empola, queima, vira cinza; outra derrete, vira goma, depois água que escorre. O que, na nossa cabeça moderna, poderia exigir diagramas de transição de fase, o *Livro* resolve com uma sequência de imagens que qualquer pessoa do campo compreenderia ao olhar um chão rachado depois da seca ou uma calda no fogo passando do ponto.

É como se dissesse: não é preciso um microscópio para entender que calor demais muda tudo de estado. Basta um fogão aceso.

### *Cinza que gera corpo, água que gera tempo*

Depois da resina e da goma, o *Livro* avança um passo que, para a ciência, parece audacioso: diz que os corpos dos seres surgem ligados a essas duas regiões. Os corpos que se extinguíram sobre a parte que virou cinza dariam

---

<sup>22</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

origem, com o tempo, a um tipo de corpo; os que se extinguíram sobre a parte gomosa dariam origem a outro.<sup>23</sup> Mais adiante, a *Escrituração* liga isso às formas masculina e feminina, numa linguagem própria, que não cabe aqui discutir em detalhe.

O importante, para o nosso propósito, é notar a lógica interna: aquilo que é rígido, torrado, cortado da seiva vira base de uma forma; aquilo que é mole, derretido, permeável vira base de outra. De um lado, estrutura; de outro, circulação. Cinza e água, ao mesmo tempo restos e matrizes.

Quando a água, que se formou a partir da goma derretida, penetra na cinza da resina, o *Livro* diz que começa um apodrecimento. A palavra é essa, simples, quase brutal: apodrecer. E, desse apodrecimento, surgem micróbios. É o ponto em que o mundo, até então descrito em termos de Planície, luz e virtudes, começa a ganhar cara de biologia: surgem vidas mínimas, quase invisíveis, arrancadas da mistura de cinza e água aquecidas.

Ao lado da narrativa da *Escrituração*, a ciência conta uma outra: fala de mundos primordiais bombardeados, de mares ferventes, de compostos químicos simples que, sob calor e tempo, começam a formar moléculas mais complexas. Fala de oceanos que, ao longo de milhões de anos, se tornam caldos ricos em possibilidades, até que, num ponto qualquer, um certo arranjo de moléculas aprende a se copiar.

Os verbos mudam, os detalhes também, mas a imagem de base é estranhamente parecida: água + tempo + resíduo + energia = vida. A *Escrituração* conta com cinza, goma e micróbios; a ciência, com minerais, moléculas e reações. De um lado, linguagem de roça metafísica; do outro, laboratório espectrométrico. Mas as duas estão, de certo modo, descrevendo uma espécie de cozinha cósmica em que o universo aprende a ferver possibilidades.

---

<sup>23</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

### *O sol do Livro e o sol dos astrônomos*

Se colocarmos essas duas narrativas lado a lado, o sol fica no centro da comparação. Para o *Livro*, como vimos, o sol é foco de virtudes perdidas, luz que cresceu da soma de todas as perdas, calor que deformou a Planície, cozinhou a resina, derreteu a goma e, no fim, sustentou as condições para que existissem água, micróbios, corpos.<sup>24</sup>

Para a astronomia, o sol é uma estrela comum, filha de uma nuvem fria de gás e poeira que, sob o peso da própria gravidade, colapsou, aqueceu e acendeu reações no seu interior. A luz que nos chega é energia liberada por núcleos se recombinando no coração desse plasma denso. Não há virtudes nessa história, nem queda, nem Planície; há hidrogênio, hélio, pressão e equações bem testadas.

Como conciliar isso? A resposta honesta é: não se concilia no sentido estreito de “encaixar tudo na mesma fórmula”. São duas formas diferentes de contar uma realidade que, em última análise, é a mesma: um sol que nos aquece, uma luz que torna possível a água líquida, uma estrela da qual dependem planta, clima, pele, tempo.

O livro de cosmologia metafísica e o livro de astrofísica olham para o mesmo astro e enxergam camadas distintas do seu sentido. Um diz: “essa luz é a soma das virtudes que vocês perderam na queda”. O outro diz: “essa luz é o resultado da fusão nuclear num núcleo estelar”. Não se trata de obrigar um a virar linguagem do outro, mas de reconhecer que ambos, cada um na sua esfera, estão tentando responder à mesma pergunta: de onde vem a luz que nos sustenta?

### *A água que bebemos e a Planície que esquecemos*

Talvez o ponto mais delicado da narrativa da *Escrituração*, neste trecho, não seja nem o sol, nem a resina, mas a água. Desde cedo, a leitura espiritualizou a água, fez dela símbolo de quase tudo: pureza, vida,

---

<sup>24</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

renascimento, promessa. O *Livro*, porém, dá à água uma origem muito concreta: é a parte da Planície que derreteu com o calor do foco de luz, afinou, correu, infiltrou-se, misturou-se à cinza, apodreceu junto, gerou micróbios.<sup>25</sup>

Em outras palavras: a água que corre hoje nos rios, que cai da chuva, que enche o copo, seria, segundo essa narrativa, uma memória derretida de uma região da Planície. Não é um “elemento neutro”: é um pedaço deformado de um outro estado de ser.

A ciência, por sua vez, conta uma história em que a água vem de reações químicas entre hidrogênio e oxigênio em ambientes quentes; fala de gelo trazido por cometas, vapor que se condensou, oceanos que se formaram na superfície de uma Terra jovem. Em ambos os casos, a água não é um dado pronto; é resultado de um processo.

Para o *Livro*, esse processo está ligado à queda de um domínio Racional. Para a ciência, está ligado à evolução de um planeta em torno de uma estrela. O copo que a gente leva à boca carrega, em silêncio, essas duas genealogias: uma cósmica e material, outra metafísica e Racional.

Se a gente usar um pouco de imaginação, dá até para ouvir esse copo pingar diferente. Não como quem quer provar nada para ninguém, mas como quem reconhece que há mais história na água do que a sede consegue enxergar.

### *Quando perda vira matéria*

O que esse capítulo, no fim das contas, está tentando sugerir é uma inversão de olhar. Estamos acostumados a pensar a matéria como algo “bruto”, sem biografia, que sempre esteve aí. O *Livro Universo em Desencanto* se arrisca a dizer o contrário: que a matéria é, de certo modo, história condensada de uma perda. Que o sol, a resina, a goma, a água, os micróbios, os corpos — tudo isso é, ao mesmo tempo, efeito de um progresso mal

---

<sup>25</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

orientado e matéria-prima de uma futura correção.

No vocabulário da ciência, poderíamos dizer — com todas as cautelas — que aquilo que hoje estudamos como universo físico seria o efeito de uma transição de estado, de uma mudança de fase radical, em que uma forma de energia que desconhecemos entrou num regime de irreversibilidade. Não sabemos, pela física, o que havia “antes” do nosso espaço-tempo; o *Livro* se oferece, com humildade, como uma tentativa de descrever esse antes em outra linguagem.

Ao colocar luz, resina e água nessa sequência, a *Escrituração* está, a seu modo, contando uma história de como a queda ganha textura. Não é mais só uma ideia abstrata de “cair”; é um processo quase tátil: a planície empola, queima, vira cinza; a outra parte derrete, escorre, vira água; o que sobra apodrece, gera micróbios; o que se extingue vira base de corpos. A queda deixa de ser apenas um erro do espírito para se tornar uma paisagem.

Do lado da ciência, a paisagem é outra, mas o gesto é semelhante: a matéria que hoje estudamos é resultado de uma longa cadeia de transformações, em que nada se perdeu, tudo apenas mudou de forma. O universo visível é um grande arquivo de estados anteriores.

Talvez o ponto de encontro entre essas duas formas de contar a origem esteja justamente aqui: na ideia de que não existe perda absoluta. Tudo o que se desvia, se queima ou derrete, reaparece sob outra forma, com outra função, num outro nível do desenho. No *Livro*, as virtudes perdidas formam o foco de luz; a parte deformada vira chão da nossa vida. Na ciência, estrelas mortas viram elementos no nosso sangue; explosões distantes se tornam carbono na madeira da mesa.

Entre o sol da *Escrituração* e o sol dos astrônomos, entre a água da Planície e a água da química, o que fica é uma pergunta calma, que nos acompanhará nos próximos capítulos: se o universo material nasceu de tanta perda, o que é que ainda pode ser ganho aqui dentro?

## Capítulo 5

### Micróbios, bichos e corpos

Se o universo material nasceu de tanta perda, o que é que ainda pode ser ganho aqui dentro? Antes de responder, o *Livro* parece obrigar a gente a olhar, sem desviar o rosto, para o preço total dessa perda. O caminho entre a Planície Racional e o corpo em que você está sentado agora não é um salto; é uma sequência de transformações em que cada degrau guarda, condensada, a história do anterior.

No capítulo anterior, vimos o foco de luz crescer das virtudes que os Habitantes foram deixando para trás, até se tornar sol. Vimos a parte da Planície empolar, queimar, virar resina, depois cinza. Vimos outra parte derreter, amolecer, virar goma, depois água. Agora, o *Livro* dá um passo a mais: mostra como, nessa mistura de cinza e água, começam a surgir vidas mínimas — micróbios — que mais tarde se desdobram em bichos, monstros, corpos, até chegar ao animal Racional.<sup>26</sup>

É uma espécie de “contra-gênese”: em vez de “faça-se a luz” e tudo brotar límpido de uma ordem superior, temos uma luz que nasce de perdas e uma vida que brota de apodrecimento.

#### *A sopa amarga da queda*

A cena, na *Escrituração*, é direta: a água, saída daquela parte gomosa da Planície derretida pelo calor do foco de luz, penetra a cinza da resina. Onde antes havia uma superfície firme, ainda que queimada, passa a haver uma massa encharcada. Cinza seca vira lama. Lama, sob calor contínuo, não fica neutra. Apodrece.

A palavra parece fora de lugar num texto de cosmogonia, mas é

---

<sup>26</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

justamente a escolhida: apodrecimento. Não é metáfora moral, é descrição de processo. Aquilo que nasceu de uma pureza sem defeitos, passando pela deformação da Planície, chega agora a um estado em que o próprio chão da queda começa a feder. É aí, diz o *Livro*, que surgem os micróbios.<sup>27</sup>

Se olharmos com os olhos da ciência, a cena muda de língua, mas conserva um certo ar de cozinha cósmica. Em vez de cinza e água de Planície, falamos de minerais e líquidos num planeta jovem, bombardeado, aquecido, cheio de descargas elétricas. Em vez de apodrecimento, falamos de reações químicas que, em vez de se desfazerem, começam a se repetir. Em vez de micróbios saindo de cinza molhada, falamos de moléculas que aprendem a se copiar e, pouco a pouco, cercam-se de uma membrana.

Numa versão, o laboratório é transcendental; na outra, é geológico. Mas nas duas há uma mesma intuição incômoda: a vida não brota de uma vitrine esterilizada. Ela emerge do que, numa primeira vista, chamaríamos de resíduo. A *Escrituração* insiste: micróbios saem do apodrecimento da cinza com a água.<sup>28</sup> A ciência, com todas as suas reservas, admite que as primeiras formas de vida surgiram em ambientes que ninguém descreveria como “higiênicos”: mares turvos, cascatas de energia, caldos espessos.

Talvez por isso o *Livro* faça questão de grifar o verbo: apodrecer. Para lembrar que o brilho do sol, a fluidez da água e a delicadeza dos corpos que viriam depois passam por essa cozinha amarga, em que a perda se condensa em matéria viva.

### *Do quase nada ao quase tudo*

Depois dos micróbios, o texto acelera. Não desenha uma árvore genealógica detalhada. Mas é como se dissesse: se você der tempo suficiente para esse caldeirão de cinza e água sob o sol, o mínimo começa a crescer. O que hoje chamamos de “bicho” começa muito pequeno.

---

<sup>27</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

<sup>28</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

Os micróbios se multiplicam, associam-se, formam massas maiores, geram formas que se sustentam por mais tempo. O *Livro* fala de monstros<sup>29</sup>, de seres disformes, de tamanhos e aparências que hoje chamaríamos de mitológicos. Não está fazendo zoologia; está tentando pôr em palavras a ideia de que, entre o micróbio invisível e o corpo humano, houve um desfile interminável de formas, muitas delas inviáveis, muitas sem futuro, todas elas experimentações em cima da mesma base: cinza amolecida pela água sob o calor daquele sol.

A ciência chama esse desfile de evolução. Fala de experimentos cegos, mutações, seleções, árvores filogenéticas, fósseis. O *Livro* chama de deformação progressiva: corpos cada vez mais grosseiros, mais pesados, mais afastados da pureza de origem, mas, paradoxalmente, com mais recursos para sobreviver dentro do buraco.

Se você olhar para um animal selvagem numa floresta, a *Escrituração* dirá: ali está um trecho da queda, coagulado em forma de bicho. A biologia dirá: ali está o resultado de milhões de anos de adaptação. As frases não coincidem, mas apontam para uma mesma superfície: o corpo concreto, com sua pele, seus ossos, seus reflexos, seu medo, sua fome, seu brilho fugaz.

O que o *Livro* acrescenta a esse quadro é uma espécie de legenda metafísica: esses bichos não são apenas o que parecem. São degraus intermediários de uma história em que um tipo específico de ser — o Habitante Racional — foi se afastando da sua base até vestir, por fim, uma forma de animal.

*O animal Racional: um bicho em conflito*

Quando o *Livro* chega ao ser humano, ele não troca de tom. Não há fanfarra. Não há coro de anjos. Há um diagnóstico seco: animal Racional. Bicho, sim; mas com uma diferença decisiva: carrega, no fundo, um princípio que não nasceu no buraco.

---

<sup>29</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 38.

Para a ciência, somos primatas com um cérebro desproporcionalmente desenvolvido. A estrutura do nosso corpo, o modo como nascemos, crescemos, adoecemos e morremos, a forma como estamos encaixados na árvore da vida, tudo nos coloca na continuidade da biosfera terrestre. Não há uma cicatriz visível no esqueleto que diga “aqui começa algo de outro mundo”.

Para o *Livro*, há. Não na estrutura fisiológica, mas na origem do princípio que anima essa estrutura. O corpo é colhido da mesma cozinha de cinza e água que gerou os bichos. O que nos habita, porém — o Racional deformado, o Habitante de Planície em exílio — vem de outro patamar. É por isso que o ser humano seria, ao mesmo tempo, o ponto mais fundo da queda e o ponto de possível retorno.

O conflito que tantas tradições descreveram com outras palavras — espírito e matéria, alma e corpo, razão e instinto — ganha aqui uma formulação própria: um Habitante de Planície, agora animalizado, vivendo numa casa feita de resíduos de uma queda que ele mesmo, de algum modo, ajudou a iniciar.

Talvez isso explique um pouco aquela sensação de estranhamento de que falamos no capítulo anterior. Não é só que o mundo seja duro, injusto, imprevisível. É que há, dentro de nós, uma memória que não combina com o tipo de paisagem em que acordamos. O corpo pede comida, sono, sexo, defesa. O princípio Racional pede outra coisa que ele nem sabe nomear direito — pede um tipo de clareza que corpo nenhum é capaz de dar sozinho.

#### *A natureza como arquivo da queda*

Quando a gente anda por uma floresta, olha um documentário sobre mares profundos ou observa um microscópio numa aula de biologia, a impressão mais comum é a de maravilha. A variedade de formas, cores, soluções, movimentos é tão grande que muitas cosmologias adotaram logo a palavra “criação”. Alguém deve ter pensado tudo isso, combinado tudo isso, desenhado cada detalhe.

O *Livro Universo em Desencanto* é, ao mesmo tempo, menos e mais romântico. Menos, porque diz: isso tudo é resultado de um processo de degeneração. Não é a forma original, é um desdobramento deformado de algo que já foi outro. Mais, porque sugere que cada detalhe dessa natureza — o voo de um inseto, o casco de uma tartaruga, a membrana de um micróbio — é também pista de uma inteligência que, mesmo operando num cenário de queda, continua agindo segundo uma lógica que não nasceu aqui.

Se olharmos com essa dupla lente, a natureza deixa de ser apenas “a criação de Deus” ou “a soma de processos evolutivos cegos”, para se tornar algo mais ambíguo: um arquivo da queda. Cada organismo é uma página em que se inscreve, ao mesmo tempo, uma perda e uma insistência da vida em continuar. A *Escrituração* diria: uma insistência da própria Racionalidade em não se extinguir por completo dentro da deformação.

A ciência, com toda razão, se recusa a escrever “queda” nos seus artigos. Ela fala de mutações benéficas, nocivas, neutras, de estruturas que funcionam melhor ou pior em certos ambientes. Ainda assim, quanto mais ela aprofunda a descrição, mais clara fica uma espécie de paradoxo: viver, aqui, é sempre uma forma de perder aos poucos. O organismo cresce, amadurece, reproduz-se — e começa a declinar. A linha da vida é, inevitavelmente, uma curva.

Do ponto de vista do *Livro*, isso não é defeito local. É a assinatura da queda no próprio tecido da natureza.

*O que ainda pode ser ganho*

Voltemos, então, à pergunta inicial: se o universo material nasceu de tanta perda, o que ainda pode ser ganho aqui dentro?

A resposta fácil seria dizer: nada. Se tudo isso é resultado de uma deformação, convém apenas não piorar e esperar que algum milagre venha “de fora”. Mas o *Livro* não se contenta com essa postura. Ele não nega a gravidade da queda, não adoça o quadro, não transforma o buraco em jardim. Ao mesmo tempo, afirma com insistência que é justamente aqui, no ponto

mais baixo, que algo essencial pode ser recuperado.

O ganho possível não é um adorno, nem um prêmio de consolação. É o próprio restabelecimento da condição Racional — não no sentido de voltar para a infância do universo, mas no sentido de religar, dentro deste cenário de cinza, água, micróbios, bichos e corpos, o fio que nos liga à Planície de origem.

Do lado da ciência, isso soa estranho. O máximo que ela se permite dizer é que, com o aumento da complexidade, surgem novas formas de ordem: vida, consciência, linguagem, cultura, ciência. Em certo sentido, já é muito. Num universo que começou como plasma incandescente, seres capazes de escrever, tocar, amar, duvidar e perguntar “de onde vim?” são, de fato, um ganho inesperado.

Do lado do *Livro*, esse “imprevisto” já estava, de algum modo, previsto: é porque o Habitante Racional não se extingue por completo na queda que, um dia, é possível falar em Imunização Racional. É porque a Planície não abandona a parte caída que, dentro da própria vida de animal Racional, pode acontecer um tipo de reconexão que não depende mais de experiência por conta própria, mas de leitura e equilíbrio com a base original.

Antes de chegar lá, porém, o *Livro* quer que a gente entenda o cenário inteiro. Ver como micróbios, bichos e corpos se encadeiam. Perceber que não somos turistas num mundo estranho, mas autores — ainda que esquecidos — de boa parte dessa paisagem. Reconhecer, por fim, que o ganho possível aqui dentro não é acumular mais formas, mais técnicas, mais conquistas na superfície do buraco, e sim recuperar, no meio dessa matéria toda, a lembrança ativa daquilo que fomos antes da queda.

Nos próximos capítulos, vamos aproximar ainda mais essas duas narrativas: de um lado, a história científica da vida, desde as primeiras células até o cérebro humano; de outro, o relato do *Livro* sobre a formação dos bichos, dos corpos e, por fim, do animal Racional. A pergunta que nos acompanha será sempre a mesma: o que é que esse desfile de formas diz,

quando ouvido ao mesmo tempo como biologia e como memória da queda?  
E, sobretudo: o que fazemos com isso, sentados neste corpo específico, neste planeta específico, neste ponto da curva?

## Capítulo 6

### Pensamento: mapa brilhante de um buraco

Até aqui, a história foi de chão, luz e corpo. Planície, parte que não estava pronta, foco de luz, resina, água, micróbios, bichos, animal Racional. É como se tivéssemos acompanhado a queda pela matéria: o modo como a liberdade mal calibrada se solidifica em cenários, clima, organismos.

Mas falta um personagem que, para nós, é o mais íntimo de todos: o pensamento.

É ele que acorda com a gente de manhã, que comenta o espelho, que organiza o dia, que inventa desculpas, teorias, poesias. É ele que lê estas linhas agora e resolve se concorda, se discorda, se se interessa, se boceja. Sem ele, este livro seria só tinta em papel; com ele, vira conversa.

Do ponto de vista do *Livro Universo em Desencanto*, porém, o pensamento não é o herói que costuma parecer. Ele é, antes, a ferramenta mais brilhante que o buraco já produziu.

*A cabeça como último laboratório da queda*

A ciência conta assim: ao longo de milhões de anos, certos animais foram desenvolvendo sistemas nervosos cada vez mais complexos. Neurônios se organizaram em redes, redes em circuitos, circuitos em cérebros. Em algum momento — ainda hoje mal compreendido — essas redes começaram a produzir algo que chamamos de consciência: uma espécie de palco interior em que sensações, memórias, planos, medos e desejos passam como peças de teatro.

O pensamento, nessa narrativa, é o fluxo de imagens e frases que corre sobre esse palco. Resultado de descargas elétricas em neurônios, hormônios em circulação, memórias reativadas, expectativas. Ele não vem de fora, não desce de um céu metafísico: é a maneira como um cérebro biológico conversa

consigo mesmo.

O *Livro Universo em Desencanto* não briga com a descrição neurológica. Ele não nega que haja cérebro nem que haja impulsos elétricos. Ele só acrescenta outra camada de leitura: diz que esse cérebro, com toda a sua delicadeza, é o último laboratório da queda. O pensamento seria, ao mesmo tempo, a prova da engenhosidade do buraco e o limite daquilo que o buraco consegue fazer sozinho.

Em linguagem da *Escrituração*: pensamento, imaginação e inspiração pertencem à energia elétrica e magnética, própria deste chão deformado.<sup>30</sup> São instrumentos da vida de animal Racional. Brilham muito, mas não saem do âmbito em que nasceram.

É como se o universo, depois de passar por Planície em deformação, foco de luz, resina, goma, água, micróbios, bichos, tivesse inventado um tipo de animal capaz de carregar, na cabeça, um simulador de mundos. Esse simulador é o pensamento.

#### *Progresso que aperfeiçoa o labirinto*

Olhe em volta: cidades, estradas, satélites, laboratórios, bibliotecas, redes digitais, telescópios. Tudo isso é pensamento em estado sólido. Cada prédio, cada máquina, cada fórmula num quadro negro é, no fundo, uma frase que alguém pensou e depois fixou no mundo.

Se compararmos a vida humana de hoje com a dos primeiros grupos de caçadores-coletores, é tentador concluir que houve um “progresso do pensamento”. Aprendemos a contar, a escrever, a medir o céu, a estudar o corpo, a fazer remédio, a prolongar a vida, a reduzir certas dores. A cabeça tornou-se uma espécie de central de projetos, capaz de redesenhar o ambiente ao redor.

Do ponto de vista do *Livro*, porém, isso é só metade da história. A outra metade é mais incômoda: diz que, à medida que o pensamento se aperfeiçoa,

---

<sup>30</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 51.

o buraco também se aprofunda. Em linguagem simples: construímos cidades mais complexas, mas também angústias mais sofisticadas; alongamos a expectativa de vida, mas também estendemos a lista de dependências; refinamos explicações, mas multiplicamos dúvidas.

É aqui que entra, de novo, a expressão que dá nome a outro livro: progresso da degeneração. A linha que sobe num gráfico — mais tecnologia, mais capacidade de cálculo, mais domínio sobre a matéria — corre em paralelo com outra linha que desce: mais cansaço, mais fragmentação, mais sensação de estranhamento.

Do lado da ciência, isso aparece como um paradoxo sociológico: sociedades mais desenvolvidas materialmente registram, com frequência, maiores índices de depressão, ansiedade, sensação de vazio. Do lado do *Livro*, o diagnóstico é direto: o pensamento, mesmo quando se aperfeiçoa, continua girando dentro da mesma energia que resultou da queda. Troca-se a palha pela fibra ótica, o barro pela liga metálica, o bilhete pela mensagem cifrada — mas o endereço ainda é o mesmo: fundo do buraco.

Não se trata de desmerecer as conquistas. Antibióticos não são desprezíveis, anestesia não é capricho, saneamento não é detalhe. O que o *Livro* problematiza é o salto: confundir aperfeiçoamento da ferramenta com resolução da condição. Um buraco bem iluminado ainda é um buraco.

### *Pensar não é raciocinar*

Há uma sutileza aqui que o *Livro* repete à exaustão: pensamento não é raciocínio, na acepção que ele dá a essa palavra.

No uso comum, costumamos dizer “raciocínio” para qualquer sequência de ideias mais ou menos coerentes. Resolver um problema de matemática é raciocinar; montar um argumento é raciocinar; planejar uma viagem é raciocinar. Em linguagem do dia a dia, raciocínio é pensamento bem organizado.

O *Universo em Desencanto*, porém, usa a palavra em outro registro. Para

ele, raciocínio é a função de uma outra energia — a Energia Racional — que está acima da elétrica e magnética. Não é apenas pensar melhor, é pensar desde outro patamar. Não é só ordenar o labirinto, é receber mapa de fora do labirinto.

O pensamento, diz o *Livro*, opera com base em impressões, experiências, memórias, influências do ambiente, ondas elétricas e magnéticas. É como um rádio que sintoniza emissoras do próprio buraco.<sup>31</sup> O raciocínio, tal como ele define, seria outra coisa: a ligação consciente do Habitante Racional com a sua base de origem, o Mundo Racional. Em vez de ficar emitindo opiniões a partir da escuridão, seria receber orientações de um lugar que não está mais submetido à queda.

Isso não quer dizer que o pensamento seja “mau” em si. Ele foi, durante um longo trecho da história, o melhor que se podia ter nesse contexto. A *Escrituração* fala em Fase da imaginação, depois Fase do pensamento, como se fossem andares sucessivos de um mesmo prédio. Cada uma teve o seu momento e sua função. O problema é quando confundimos uma fase de transição com morada definitiva.

A ciência, fiel ao seu método, não fala em “energia Racional”, nem em “Fase Racional”. Ela descreve circuitos cerebrais, processos cognitivos, vieses, memórias. Ainda assim, há um ponto em que ela esbarra numa fronteira parecida: quanto mais estudamos o pensamento, mais percebemos que ele não é dono da casa. Há camadas inconscientes, impulsos automáticos, estruturas herdadas. O “eu que pensa” não manda tanto quanto imagina.

O *Livro* leva isso às últimas consequências: mostra o pensamento como gerente de um comércio instalado num terreno que não é seu. Faz muito barulho, mas não tem a escritura do lote.

### *A fase que se esgota*

Toda fase, por definição, passa. A infância, a adolescência, o auge de

---

<sup>31</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 51.

uma carreira, a moda de uma época, a luz de um dia. O *Livro* aplica essa lógica à história metafísica do mundo: diz que já houve a Fase dos monstros, a Fase dos bichos, a Fase do homem primitivo, a Fase da imaginação, a Fase do pensamento — e que hoje estaríamos numa mudança de chave: entrada da Fase Racional, em que o desenvolvimento do raciocínio, tal como ele a define, passa a ser a função principal da vida.

Do lado de cá, isso soa grandioso e abstrato. Mas, na prática, a questão é simples: até aqui, o máximo que o ser humano conseguiu fazer foi aperfeiçoar o uso do pensamento. Ele inventou ciência, filosofia, arte, religião, tecnologias, psicologias — tudo isso dentro do campo da cabeça pensante operando sobre um corpo de animal Racional.

Chega um momento, diz a *Escrituração*, em que esse recurso se esgota. Não porque se torne inútil — vamos continuar precisando pensar para pagar contas, pegar ônibus, escrever livros —, mas porque ele mostra seus limites últimos: não consegue, por mais que se refine, arrancar a humanidade do ciclo de guerras, medos, desigualdades, violências e mortes que a acompanha desde o início da história conhecida.

A ciência reconhece esse esgotamento de outro modo: percebe que cada solução abre problemas novos. A tecnologia que cura uma doença cria um novo tipo de dependência; a comunicação instantânea aproxima e isola; a abundância de informação gera desorientação. É como se o pensamento, ao se multiplicar, gerasse também seus próprios fantasmas.

O *Livro* lê esse quadro como sinal de fase vencida. Não se trata de abandonar o pensar — isso seria impossível enquanto estivermos no buraco —, mas de deixar de tratá-lo como deus. Abrir espaço, na mesma cabeça, para outra função: o desenvolvimento do raciocínio Racional através da leitura persistente do *Livro Universo em Desencanto*, numa convivência que, segundo ele, coloca o Habitante em contato com a sua base de origem.

Do ponto de vista deste livro aqui, que tenta ser ponte e não púlpito, o importante é registrar a diferença sem misturar tudo: pensamento, na

gramática do *Universo em Desencanto*, é o melhor que o buraco conseguiu produzir; raciocínio é o fio que, segundo ele, não nasce do buraco, mas desce de fora, desde a Planície, para recolher o que sobrou de Habitante dentro da forma de animal.

### *O brilho e o cansaço*

Talvez a maneira mais honesta de sentir isso não seja em conceitos, mas numa experiência bastante comum: o cansaço de quem pensa demais. Não o cansaço produtivo de quem estudou, trabalhou, criou algo e dorme satisfeito; mas aquele cansaço opaco, em que a cabeça não desliga, a mente ruma, revisita conversas, simula catástrofes, inventa cenários, se atropela em hipóteses — e, no fim, não chega a lugar nenhum.

A ciência dá nomes técnicos para isso: ruminação, ansiedade, hiperativação do córtex, padrões de preocupação. Sugerem-se técnicas: respiração, terapia, medicamento, meditação, exercício. Tudo isso tem seu lugar. O que o *Livro* acrescenta é um diagnóstico de fundo: o pensamento, quando se solta da sua medida, roda em círculo dentro da mesma energia elétrica e magnética que o alimenta. É como uma ventoinha ligada na tomada errada: gira, gira, esquenta, mas não ventila o suficiente.

Nesse sentido, a proposta da Fase Racional não é desligar a cabeça, nem renunciar ao estudo, nem demonizar a inteligência. É deslocar o centro de gravidade. Ao invés de viver ocupado apenas em aperfeiçoar o labirinto interior, seria deixar que outra espécie de orientação — mais alta, na linguagem do *Livro* — se faça presente, pela convivência com a *Escrituração*, ao ponto de o pensamento ir se acalmando, se pondo no seu lugar, como quem cede a direção a quem conhece a estrada inteira.

De fora, isso pode parecer apenas mais uma doutrina prometendo alívio. De dentro, para quem experimenta, a diferença estaria justamente aí: não se trata de mais uma teoria sobre o pensamento, mas de uma mudança efetiva de base, ainda que invisível aos olhos da ciência atual.

## *Pensar o pensamento*

Este capítulo não pretende esgotar o tema. Pensamento é assunto que escapa por todos os lados. A filosofia se debruçou sobre ele por séculos; a psicologia, há pouco mais de cem anos; as neurociências, nas últimas décadas; o *Livro Universo em Desencanto*, por sua vez, o atravessa de cabo a rabo, chamando-o de ferramenta de uma fase que se encerra.

O que interessava, aqui, era marcar um ponto da trajetória: depois de ver como a queda se escreve na matéria — sol, resina, água, micróbios, bichos, corpos —, era preciso olhar para o lugar em que essa matéria começa a pensar sobre si mesma. A cabeça humana é o espelho mais complexo que o buraco já pôde erguer. Tudo passa por ela: céu, terra, memória, desejo, culpa, afeto, cálculo, medo, fé, dúvida.

Do lado da ciência, esse espelho é um objeto de estudo fascinante. Do lado do *Livro*, é também o campo de batalha decisivo: é na cabeça de cada animal Racional que a Fase do pensamento pode dar lugar à Fase Racional. Não como slogan, mas como alteração efetiva de comando: sair do improvisado e voltar a obedecer à base.

Nos próximos capítulos, vamos nos arriscar um pouco mais nesse terreno delicado. Vamos ver como o *Universo em Desencanto* descreve, em detalhes, essa mudança de fase; como ele entende a função da leitura, da conduta, da convivência com a *Escrituração*; e vamos colocar isso ao lado do que a ciência e a filosofia já disseram sobre mudança de consciência, transformação de hábitos, reconfiguração da mente.

Entre a Planície e o buraco, entre micróbios e satélites, entre bichos e poemas, o pensamento é essa ponte provisória com que tentamos atravessar o abismo. O *Livro* diz que existe uma ponte mais alta, chamada raciocínio Racional. A questão que se abre, a partir de agora, é simples e imensa: o que acontece quando um animal, cansado de aperfeiçoar sozinho os mapas do buraco, se dispõe a testar, com calma e sem fanatismo, a ideia de que há, de fato, uma outra orientação disponível?

## Capítulo 7

### Imunização Racional: um nome singular para um fio de volta

Quando o *Livro* entra no tema da Imunização Racional, muita gente tropeça na palavra antes de entender a frase. “Imunização” soa a consultório, seringa, anticorpo. Parece coisa de laboratório, não de cosmogonia. A primeira reação é quase sempre a mesma: “imunizar contra o quê?”

Se acompanharmos a narrativa desde o começo, a pergunta muda um pouco de tom. Já vimos a Planície, a parte que não estava pronta, a queda, a formação do sol, da resina, da água, o surgimento dos micróbios, dos bichos, do animal Racional, a consolidação da Fase do pensamento. O quadro que o *Livro* desenha é duro e simples: vivemos, hoje, na condição de animal Racional, dentro de um buraco cósmico, guiados pelo melhor instrumento que o buraco conseguiu produzir — o pensamento —, mas ainda assim desligados, na prática, da nossa base de origem.

Imunização Racional, nesse contexto, é o nome que o texto dá ao processo de refazer essa ligação.<sup>32</sup>

Não se trata de imunizar contra vírus ou bactérias, mas contra o comando exclusivo da energia elétrica e magnética sobre a vida. É como se, depois de milênios submetidos apenas ao jogo dessas forças, surgisse de novo — não por mérito nosso, mas por maturação da própria Natureza — a possibilidade de que outra energia voltasse a comandar a casa: a Energia Racional, do Mundo Racional, a mesma da Planície de onde saímos.

O *Livro* insiste, linha após linha, em duas afirmações que, a primeira

---

<sup>32</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 344.

vista, podem parecer contraditórias, mas se completam: a Fase Racional já está em vigor, independentemente de acreditarmos ou não; e a Imunização Racional só se efetiva, individualmente, quando o ser humano entra em contato consciente com o *Livro Universo em Desencanto*, lê, relê, convive com aquela *Escrituração* até estabelecer, por dentro, uma nova espécie de comando.

É uma combinação curiosa: um processo que é apresentado como lei de Natureza — algo que não depende de fé, de rito, de templo —, mas que, ao mesmo tempo, exige uma atitude concreta: sentar-se, abrir um livro, ler, conviver com uma linguagem insistente, às vezes áspera, quase sempre repetitiva, até que algo mude de lugar.

Quem olha de fora vê apenas isso: gente lendo um volume grosso, em silêncio. Quem olha do ponto de vista do *Livro* diz que, ali, está acontecendo outra coisa.

#### *A metáfora da vacina e o limite da metáfora*

Se insistirmos na imagem médica, dá para arriscar uma aproximação: numa vacina, uma pequena porção de um agente estranho é introduzida no organismo, de modo controlado, para que o próprio corpo aprenda a se defender. É um ensaio de ataque para que o sistema se prepare.

Na Imunização Racional, a imagem é outra, mas a lógica tem um parentesco distante: em vez de deixar o ser humano entregue às oscilações do pensamento — medo, euforia, desânimo, ilusão —, a Natureza colocaria à disposição, pela *Escrituração*, um tipo de convivência contínua com a sua condição de origem. Não se trata de introduzir uma “doença fraca” para criar defesa, mas de introduzir, num cenário deformado, uma presença constante daquilo que não é deformado.

É como deixar um rádio, há décadas sintonizado apenas em emissoras locais, captar pela primeira vez um sinal de muito longe. No começo, só ruídos, chiados, frases soltas. Com o tempo, se a sintonia for mantida, a estação distante se define, a voz fica nítida, o programa se torna

acompanhável. Imunizar, aqui, é estabilizar essa sintonia, de modo que o comando da vida — decisões, rumos, escolhas — deixe de ser regido apenas pelas variações do campo local e passe, pouco a pouco, a obedecer a uma pauta que vem da origem.

A metáfora da vacina ajuda até certo ponto: sugere proteção, mudança de estado, processo gradual. Mas, se for levada longe demais, atrapalha. A Imunização Racional não é um procedimento pontual, com data e hora, nem uma técnica aplicada por um especialista. Não há seringa, não há dose, não há carteira carimbada. É um processo de convivência diária com o *Livro*, longo, às vezes cansativo, que se faz em plena vida comum: entre contas, filas, compromissos, filhos, trabalho, imprevistos.

Do ponto de vista do *Universo em Desencanto*, o “agente ativo” não é uma substância, mas uma presença: a do RACIONAL SUPERIOR, através da *Escrituração*, atuando sobre o raciocínio de quem lê. Do ponto de vista da ciência, isso é linguagem metafórica — não há como medir, por enquanto, um “campo Racional” distinto das demais energias. Este livro se coloca entre os dois olhares: não confirma nem desmente; relata e tenta pensar junto.

### *Um livro como aparelho*

Uma das afirmações mais desconcertantes da Cultura Racional é a de que o *Livro Universo em Desencanto* não é apenas um conjunto de páginas impressas, mas um aparelho. Não aparelho no sentido eletrônico — não é rádio, não é antena, não emite ondas detectáveis por instrumentos —, mas aparelho no sentido de ponto de ligação: algo que, colocado na convivência diária de uma pessoa, permitiria a atuação direta do Mundo Racional sobre o seu raciocínio.<sup>33</sup>

É aí que o conhecimento se afasta de quase tudo o que conhecemos. Não se trata apenas de “ler um texto edificante” e ficar moralmente inspirado; nem de praticar uma técnica mental; nem de frequentar encontros

---

<sup>33</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 344.

em que se repete um conjunto de ideias. A maneira como os estudantes sérios descrevem a Imunização Racional é outra: como um processo em que, com o tempo, a pessoa percebe que decisões, rumos, preservações, soluções de problemas vão acontecendo com uma espécie de direção diferente da que o pensamento sozinho conseguiria produzir.

O vocabulário do *Livro* é muito próprio: fala em desenvolvimento do raciocínio, orientação Racional, desligamento natural da influência dos habitantes invisíveis deste mundo, desencanto das ilusões do buraco, regressão à base de origem. Para quem vem da ciência, tudo isso parece, à primeira vista, inverificável. Para quem vem da religião tradicional, soa familiar e, ao mesmo tempo, estranho: há um Deus único, mas ele não é descrito com os nomes habituais; há um processo de salvação, mas ele não passa por culto, nem por sacramento, nem por autoridade sacerdotal.

Este livro não está aqui para decidir se essa descrição é verdadeira ou não. Ele se propõe a outra coisa: tomar a narrativa da Imunização Racional como ela se apresenta, descrevê-la com cuidado, e colocá-la ao lado de outras experiências que conhecemos — científicas, filosóficas, éticas — que também tentaram dar conta da sensação de estar num mundo errado e, ao mesmo tempo, buscar uma saída que não negue o mundo.

Da perspectiva de fora, o que vemos é simples: um objeto físico, o *Livro Universo em Desencanto*, circulando, sendo lido, relido, sublinhado, anotado. Da perspectiva de dentro, segundo a *Escrituração*, o que acontece ali é a coisa mais séria do mundo: a recolocação da criatura em contato com a sua origem, não por mérito, nem por crença, mas porque a Fase Racional chegou à Natureza, e o único caminho compatível com essa fase é o desenvolvimento do raciocínio Racional pela leitura.<sup>34</sup>

*Leitura como convivência, não como consumo*

Numa época em que se lê rápido, se escaneia texto, se consomem frases

---

<sup>34</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 344.

soltas e resumos, a proposta do *Livro* é quase um escândalo: ler devagar, ler de novo, aceitar a repetição, conviver com uma linguagem que, muitas vezes, parece dizer “sempre a mesma coisa”. Para a cabeça treinada em novidades, a tentação é grande: abandonar no meio, achar “monótono”, classificar como insistência desnecessária.

Do ponto de vista da Imunização Racional, é justamente aí que mora o segredo: não se trata de aprender um conteúdo original, mas de deixar que uma mesma verdade, repetida de mil maneiras, vá desgastando, por dentro, as camadas de encantamento com o buraco. A repetição não é defeito de estilo, é ferramenta.

A ciência já sabe, há algum tempo, que o cérebro se reorganiza pela repetição: caminhos neurais se fortalecem quando são percorridos muitas vezes, hábitos se gravam, percepções se refinam. Tanto na música quanto na matemática, na meditação quanto na terapia, há sempre um elemento de treino: retornar ao mesmo gesto, à mesma escala, ao mesmo exercício, até que algo se torne quase natural.

A Imunização Racional, vista de um ponto neutro, poderia ser descrita assim: uma forma de reorganizar a cabeça pela convivência insistente com uma narrativa específica da realidade — a narrativa do *Livro Universo em Desencanto*. A diferença, do ponto de vista da *Escrituração*, é que esse treino não se apoia apenas num conteúdo; ele seria acompanhado, segundo ela, pela atuação direta da Energia Racional<sup>35</sup>, coisa que a ciência, por enquanto, não tem como admitir nem medir.

Para o leitor comum, porém, a experiência tem um lado muito concreto: é preciso abrir o livro quando não dá vontade, insistir quando parece “chato”, voltar aos volumes anteriores, aceitar que não é um romance, nem um tratado filosófico, nem um manual de autoajuda. É uma convivência, quase uma moradia mental. E, como toda mudança de moradia, exige tempo para que o corpo se acostume com a luz, o barulho, a temperatura.

---

<sup>35</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 344.

*Entre religião, ciência e esse “outro lugar”*

Quem tenta encaixar a Imunização Racional nas gavetas que já conhece costuma se confundir. Se chama isso de religião, esbarra em diferenças incômodas: não há culto obrigatório, nem liturgia fixa, nem intermediação sacerdotal, nem pedido de sacrifícios materiais em nome de um deus ofendido. Se chama de filosofia, não dá conta do vocabulário e da estrutura de revelação que o *Livro* assume para si. Se chama de ciência, força a barra: não há método experimental controlado, nem publicação em revista especializada, nem protocolos de laboratório.

O próprio texto insiste numa palavra que hoje anda fora de moda: conhecimento de origem. Ele não se apresenta como fé, nem como doutrina, nem como teoria, mas como *Escrituração* de um Mundo superior a este, feita de cima para baixo, por quem, segundo ele, já está fora da fase em que vivemos.

Visto desse modo, a Imunização Racional não cabe bem nas categorias em que estamos acostumados a pensar. Ela é, ao mesmo tempo, um processo descrito como rigorosamente natural — tanto quanto a formação de um planeta ou o ciclo da água — e, ao mesmo tempo, uma espécie de intervenção transcendental: algo que não se reduz às forças conhecidas pela física atual.

Este livro, que tenta ser ponte, não vai inventar uma nova categoria. O que ele pode fazer é mostrar o contraste com honestidade: de um lado, a ciência descrevendo com detalhes cada vez maiores o funcionamento do cérebro, o impacto de hábitos de leitura, os efeitos da meditação, da terapia, da educação prolongada; de outro, o *Universo em Desencanto* dizendo que, além de tudo isso, há uma fase da Natureza em vigor, e que a Imunização Racional é a forma específica que essa fase assume na vida de quem entra em convivência com a *Escrituração*.

No fundo, a diferença está na origem do fio: para a ciência, qualquer transformação duradoura da mente é resultado de fatores biográficos, sociais,

genéticos, culturais, ambientais. Para o *Livro*, há um componente a mais: uma ligação retomada com um plano anterior à queda, o Mundo Racional, cuja energia passa a comandar, silenciosamente, o desenvolvimento da criatura. O nome que ele dá a esse comando é Imunização Racional.

*Sinais de dentro, não de fora*

Resta uma pergunta incômoda, que qualquer leitor honesto precisa fazer: como saber se isso não é apenas mais uma narrativa reconfortante, sem efeito real? Em outras palavras: o que seria, na prática, um “sinal” da Imunização Racional atuando?

O *Livro* é cauteloso nas promessas. Ele não fala em milagres estrondosos, nem em curas espetaculares, nem em imunidades de vitrine. Fala em preservações: perigos que deixam de se concretizar, acidentes que não acontecem, decisões que, sem que a pessoa saiba por quê, evitam caminhos desastrosos. Fala em desacertos que vão perdendo força; em vícios de pensamento que vão se afrouxando; em uma calma estranha, ainda dentro dos mesmos problemas.<sup>36</sup>

Para quem está acostumado a critérios de laboratório, isso é pouco. Não há como montar um grupo de controle, medir “preservações” em escala estatística, publicar resultados. Para quem vive por dentro, porém, os sinais são de outra ordem: uma diferença na qualidade das escolhas, um afastamento espontâneo de confusões, uma espécie de lucidez humilde que não vem de cálculos mentais, mas de uma intuição tranquila de que “por aqui não é”.

Do lado da filosofia, isso poderia ser descrito como amadurecimento, prudência, conversão interior, esclarecimento. Do lado da psicologia, como reestruturação de padrões, fortalecimento de funções executivas, maior tolerância à frustração. O que o *Livro* faz é reinterpretar tudo isso numa chave mais ampla: como efeitos naturais da Imunização Racional em andamento.

---

<sup>36</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 345.

Este livro não tem como arbitrar entre as leituras. O que ele pode fazer é reconhecer um ponto importante: diferentemente de promessas religiosas que dependem de um além-túmulo, a Imunização Racional, tal como é apresentada na *Escrituração*, se compromete com sinais nesta vida mesma. Não se trata de esperar uma recompensa depois da morte, mas de notar, no cotidiano, se alguma coisa na qualidade da vida — interna e externa — está mudando de patamar.

### *Escrever sem fazer propaganda*

Contar tudo isso num livro que pretende dialogar com leitores de fora da Cultura Racional é um exercício de equilíbrio. De um lado, há o entusiasmo sincero de quem encontrou, na leitura do *Livro Universo em Desencanto*, uma chave de sentido para a própria existência. De outro, há o cuidado com a liberdade do leitor: ninguém gosta de ser empurrado; ninguém merece ser tratado como alvo de campanha.

A escolha feita aqui é outra. Em vez de esconder o vocabulário, ele é assumido. Em vez de disfarçar o nome “Imunização Racional” sob eufemismos aceitáveis, ele é apresentado como é, com seus estranhamentos e promessas. Em vez de transformar o *Livro* em metáfora — “no fundo, é só um convite a pensar melhor, a ser mais ético, a viver com mais atenção” —, a *Escrituração* é deixada falar nos seus próprios termos, e quem lê este livro é tratado como adulto o suficiente para decidir se quer ou não aproximar-se dela.

Ao mesmo tempo, nenhum capítulo desta obra foi escrito como panfleto. A ciência não é caricaturada, a filosofia não é desprezada, outras tradições não são zombadas. O universo é grande demais para caber num slogan; a queda, se é que existiu, é profunda demais para ser resolvida com uma frase de efeito; a Imunização Racional, se for o que o *Livro* diz que é, não precisa de marketing — precisa apenas de quem a conheça com honestidade.

Nos capítulos seguintes, vamos olhar com mais calma para a vida prática

dentro dessa hipótese: o que significa viver se sabendo, ao mesmo tempo, habitante de um buraco e portador de um fio de volta? Como é que trabalho, família, política, dor, alegria, tecnologia e crise entram nesse quadro? O que muda, de fato, na conduta de alguém que leva a sério a ideia de que a Fase Racional está em vigor?

Por ora, basta guardar o desenho geral: se a queda foi um longo afastamento da nossa origem, a Imunização Racional é o nome que o *Livro* dá ao movimento contrário — não um salto mágico, não um arrebatamento espetacular, mas um processo silencioso em que, página após página, um Habitante deformado em animal começa, sem alarde, a lembrar de onde veio.

## Capítulo 8

### Vida comum em tempo de Fase Racional

Falar em Fase Racional pode soar grandioso demais para a cena em que a vida realmente acontece: despertador tocando cedo, notificações no celular, café apressado, transporte cheio, prazos, boletos, gente que amamos, gente que nos irrita, uma mistura de beleza, tarefa e cansaço. Se a Fase Racional não couber aqui, entre o forno e a pia, ela corre o risco de virar só mais uma palavra bonita para ser lembrada em momentos especiais e esquecida no resto do tempo.

O *Livro Universo em Desencanto* insiste numa afirmação incômoda: a Fase Racional já está na Natureza, queira a humanidade ou não.<sup>37</sup> Isso quer dizer, no vocabulário dele, que a fase do pensamento terminou como fase de comando, e o que está em vigência é outra forma de direção — a do raciocínio Racional, ligado à origem. A vida, porém, continua aparentemente a mesma: eleições, guerras, aplicativos, comédias, tragédias, promessas de ano novo.

A pergunta que atravessa este capítulo é simples e difícil ao mesmo tempo: o que muda, de fato, na vida comum de alguém que leva a sério essa mudança de fase?

Não em tese, mas na hora de responder mensagem, lidar com raiva, escolher trabalho, usar tecnologia, atravessar luto, criar filhos, votar, errar, pedir desculpa. Em outras palavras: como é que um Habitante deformado em animal Racional vive dentro de um buraco, sabendo — ou começando a desconfiar — que há um fio de volta em operação?

*Um mundo que continua acelerando*

Do ponto de vista da ciência e da técnica, nada indica que o mundo vá

---

<sup>37</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 5.

“frear” porque uma nova fase metafísica está vigendo. Ao contrário: tudo sugere aceleração. Computadores mais rápidos, inteligência artificial mais sofisticada, redes de comunicação cada vez mais densas, decisões financeiras tomadas em microssegundos, dados acumulados em volumes que nenhuma mente individual consegue abarcar.

É como se o buraco em que vivemos tivesse descoberto novas formas de se iluminar por dentro, sem perguntar muito pela origem da luz. A História recente pode ser lida como um longo esforço de tornar a vida mais poderosa em termos de meios: curas, transportes, conforto, entretenimento, controle.

Nesse cenário, falar em Fase Racional pode parecer um desvio. A cabeça treinada para resultados rápidos pergunta: “em que isso melhora o PIB, a eficiência, a produtividade, o desempenho?”. Se a resposta não couber numa planilha ou numa apresentação, a tendência é empurrar a questão para o canto reservado às “coisas espirituais” — ou, no caso do *Livro*, às “coisas transcendentais”.

A *Escrituração* propõe outra leitura. Diz que essa aceleração toda é, em grande medida, a fase do pensamento em esgotamento: um tipo de inteligência que aprendeu a multiplicar meios, mas não sabe mais o que fazer com eles. Um mundo que aperfeiçoou o ruído. Um enorme salão de máquinas funcionando sem saber ao certo para que.

Se a Fase Racional está mesmo em vigor, toda essa correria acontece num pano de fundo diferente: não estamos apenas “evoluindo” indefinidamente; estamos num ponto em que a própria Natureza ofereceria outra forma de comando para quem quisesse escutar. Não para desativar a técnica, mas para colocá-la num outro lugar.

### *Entre o laboratório e o Livro*

A ciência continua sendo indispensável para lidar com o mundo físico. São médicos, engenheiros, físicos, biólogos, químicos e tantos outros que

garantem, com o seu trabalho, desde a água potável até a vacina, desde a ponte segura até o aparelho que permite que este texto exista. Nada na Fase Racional, tal como o *Livro* a descreve, dispensa esse trabalho. Pelo contrário: ele é parte da tarefa de cuidar do buraco enquanto estamos nele.

A diferença é de eixo. Se a vida inteira gira em torno de produzir, consumir, acumular, entreter-se e tentar prolongar ao máximo o conforto dentro do buraco, a técnica se torna um fim em si mesma. Se, ao contrário, começamos a olhar para esse mesmo mundo como uma fase provisória de um percurso maior, a técnica muda de papel: vira ferramenta, não altar.

Um médico na Fase Racional continua tratando corpos, estudando, pesquisando. Mas talvez o faça com a consciência tranquila — e estranha — de que aquele corpo é barro provisório de uma história mais longa. Um engenheiro continua calculando estruturas, mas talvez já não veja nos seus feitos um “progresso definitivo da humanidade”, e sim uma forma de diminuir sofrimento numa condição de exílio. Um cientista de dados continua devorando estatísticas, mas pode começar a desconfiar que nem tudo o que importa cabe em número.

O *Livro* não pede que ninguém abandone laboratório, consultório ou oficina para subir um morro e esperar um milagre. Ele propõe outra coisa: que se comece a viver como quem sabe que nem o sucesso máximo dentro do buraco esgota o sentido da existência. Isso muda pouca coisa na superfície, mas altera o centro de gravidade.

### *Conduta como experiência de origem*

A Cultura Racional insiste, quase até a exaustão, na palavra conduta. À primeira vista, parece um moralismo qualquer: “seja correto, não faça isso, evite aquilo”. Só que, num universo em que tudo é lido à luz da queda, a conduta ganha uma cor diferente.

Se a vida aqui é consequência de um uso teimoso da liberdade numa parte que não estava pronta, então cada decisão cotidiana é uma espécie de

microensaio de correção. Não no sentido de “pagar culpas antigas”, mas de alinhar, aos poucos, o modo de viver com a base de origem que esquecemos.

Respeitar o outro, numa Fase Racional, deixa de ser apenas uma regra social simpática. Passa a ser um gesto mínimo de acordo com uma origem em que ninguém precisava disputar nada. Guardar a palavra dada, cuidar do que é de todos, evitar prejudicar, não explorar a fraqueza alheia — tudo isso, que a ética laica já valoriza por si, ganha um reforço: é como se a Planície, muito longe, dissesse, pelos fios da Imunização Racional: “é por aí”.

Não há milagres de produção. Quem descumpre leis humanas continua, muitas vezes, impune aos olhos da Justiça. Quem vive com respeito continua, muitas vezes, enfrentando dificuldades materiais. A diferença não está no aplauso imediato, mas no tipo de alinhamento silencioso que vai se fabricando por dentro.

Do ponto de vista do *Livro*, a conduta é uma espécie de pré-língua da Planície: um jeito de viver que antecipa, na vida ainda deformada, um pouco do que seria viver na base de origem.

### *A cabeça cercada por telas*

Seria tentador imaginar que a Fase Racional só começa quando desligamos todos os aparelhos, corremos para a montanha mais próxima e passamos o resto da vida em silêncio. O mundo real anda em outra direção. Nunca houve tantas telas, tantos estímulos, tanta oferta de distração, tanta facilidade para transformar qualquer instante de tédio em consumo.

Há algo de paradoxal nisso: quanto mais a Natureza, segundo o *Livro*, amadurece para a Fase Racional, mais o buraco parece oferecer recursos para nos manter encantados com ele mesmo. É uma espécie de último brilho: um espetáculo de luzes para que ninguém se lembre de olhar pra fora.<sup>38</sup>

Viver em Fase Racional, nesse contexto, não é demonizar tecnologia, mas mudar a posição em relação a ela. Em vez de usar a cabeça como

---

<sup>38</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 250.

depósito de estímulos, usá-la como lugar de escolha. Em vez de ser arrastado por notificações, decidir o que merece permanecer na consciência. Em vez de esperar que um sistema de recomendações decida tudo o que vamos ver, ouvir e pensar, tomar de volta, pouco a pouco, a curadoria da própria atenção.

A Imunização Racional, na prática, pode começar com gestos muito simples: fechar o livro do mundo por alguns minutos e abrir o *Livro Universo em Desencanto*, mesmo sem vontade; calar o ruído de uma timeline por um instante para escutar, não uma voz mística na cabeça, mas o eco de uma pergunta: “é isso mesmo que preciso consumir agora?”. Dizer “não” a um impulso de ódio ou de gozo imediato, não por medo de castigo, mas por respeito a uma origem que já não se quer trair.

Do lado da neurociência, isso pode ser descrito como autocontrole, gestão da atenção, fortalecimento de circuitos pré-frontais. Do lado do *Livro*, é visto como o raciocínio começando a comandar aquilo que o pensamento, sozinho, não sabe frear.

### *Política, dor e alegria vistas de outro ângulo*

Viver num mundo em que a Fase Racional está em vigor não nos poupa de conflitos políticos, crises econômicas, injustiças, violências. O noticiário continua duro. Guerras não acabam porque meia dúzia de pessoas começaram a ler um livro grosso. No máximo, essas pessoas passam a sofrer esses fatos de outra maneira.

O risco, aqui, é a fuga. Achar que, porque “isso aqui não é o nosso lugar definitivo”, podemos lavar as mãos diante das dores concretas do mundo. É uma tentação antiga: transformar qualquer doutrina de origem superior numa desculpa para cruzar os braços.

A *Escrituração*, porém, empurra para a direção contrária. O RACIONAL SUPERIOR, tal como o *Livro* o descreve, não aparece como um deus distraído, que só se interessa pela criatura quando ela volta à origem. Ele se

ocupa dela ainda aqui, num lugar que, do ponto de vista da Planície, é literalmente um fundo de poço.

Se a Imunização Racional é real, ela não vai tirar ninguém do mundo pela tangente. Vai, no máximo, alterar o modo como alguém participa nele. Um estudante sério do *Livro* continua votando, trabalhando, educando filhos, cuidando da rua, participando de decisões — mas sabendo que nenhum projeto político, por melhor que seja, consegue transformar definitivamente o buraco em Planície.

Isso não diminui a importância das lutas justas; apenas tira delas o peso de “salvação final”.

O mesmo vale para dor e alegria. A dor não desaparece com a leitura. Corpos continuam adoecendo, pessoas queridas continuam morrendo, projetos continuam fracassando. A alegria também não vira um êxtase permanente. Ainda haverá dias de cansaço, irritação, apatia.

A diferença, se a Fase Racional começa a ser levada a sério por dentro, é que nem a dor nem a alegria são mais absolutas. A dor deixa de ser um inferno sem saída; torna-se uma parte dura de um percurso mais longo. A alegria deixa de ser um fim em si mesma; vira um momento bom numa estrada que não termina nela.

É como olhar um vale profundo sabendo que ele não é o mapa inteiro, ou contemplar um campo florido sem esquecer que o caminho continua depois.

*Entre o céu da Planície e o chão da cozinha*

Talvez a síntese mais honesta da vida em tempo de Fase Racional seja essa: viver com o céu da Planície na cabeça e o chão da cozinha nos pés.

O céu da Planície é essa lembrança ainda difusa de que viemos de uma condição em que não havia morte, nem disputa, nem erro de fase. O chão da cozinha é a pia entupida, o trabalho atrasado, o relacionamento difícil, o país em crise, o corpo cansado.

A Imunização Racional não promete abolir o chão. Ela promete, segundo o *Livro*, recolocar a criatura no eixo da sua origem enquanto ainda pisa num mundo deformado. Não é fuga, é alinhamento. Não é negação da matéria, é reinterpretação dela.

Do ponto de vista deste livro, que tenta traduzir sem adulterar, uma pessoa que vive assim não se torna um ser etéreo, imune a tudo, pairando sobre as coisas. Ela continua esbarrando em móveis, pagando contas, errando, pedindo desculpas. A diferença é que cada gesto passa a ser acompanhado por uma pergunta silenciosa, quase infantil e, ao mesmo tempo, muito séria: “isso está de acordo com a base que eu digo reconhecer?”.

Nessa pergunta, se levada a sério, já se esconde um começo de Planície.

Nos capítulos anteriores, seguimos a narrativa do *Livro* desde a Planície até o buraco, passando por sol, resina, água, micróbios, bichos, corpos, pensamento, Imunização Racional. Neste capítulo, tentamos encostar essa história na vida miúda: redes sociais, trabalho, política, dor, alegria, conduta.

Nos próximos, vamos precisar afinar ainda mais a lente. Vamos falar de tempo: como o *Livro* lê a história humana — eras, fases, civilizações — à luz da queda e da Fase Racional, e como isso conversa (ou não) com o que a ciência chama de história do universo, da Terra e da espécie humana.

Por enquanto, basta guardar uma imagem humilde: um ser humano qualquer, num ônibus qualquer, abrindo o *Livro Universo em Desencanto* no meio do barulho. Do ponto de vista do buraco, é só mais alguém lendo. Do ponto de vista da Planície, pode ser o início — discreto, quase invisível — de um retorno em andamento.

## Capítulo 9

### Cronologias desencontradas

Tempo é o personagem que nunca aparece na foto, mas está em todas. Quando você encontra alguém depois de muitos anos, é o tempo que está ali, disfarçado nas rugas novas, nas palavras mais lentas ou mais rápidas, nas escolhas que cada um fez. Quando um físico fala de bilhões de anos, é o tempo que se estica para além de qualquer biografia. Quando o *Livro Universo em Desencanto* afirma que “o pensamento se transformará em raciocínio”<sup>39</sup> e que “estamos em plena fase de Aparelho Racional”<sup>40</sup>, ele também está falando de tempo — mas de um tempo que não cabe num calendário de papel.

Este capítulo é sobre isso: sobre como a ciência e o *Livro* contam o tempo de maneiras muito diferentes, e sobre o que acontece quando colocamos essas cronologias lado a lado, sem obrigá-las a coincidir.

Não se trata de montar uma linha do tempo “definitiva” conciliando Big Bang com Planície, eras geológicas com fases da Natureza, idades históricas com fases da Imunização Racional. É mais humilde do que isso: tentar entender que tipo de relógio cada narrativa está usando — e ver se, por baixo do desacordo de números, não há um parentesco mais discreto.

#### *O relógio do cosmos*

A ciência mede o tempo do universo com instrumentos precisos e imagens gigantes. Ela olha a luz antiga das galáxias, escuta o fundo de micro-ondas que banha o céu inteiro, calcula a velocidade com que o espaço se expande, e, a partir dessa soma de evidências, afirma algo que hoje é consenso entre cosmólogos: o universo observável tem cerca de 13,8 bilhões

---

<sup>39</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 285.

<sup>40</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 5.

de anos.

É um número que a cabeça aceita, mas não imagina. Quando dizemos “bilhão”, a mente, no máximo, enxerga uma parede de zeros; não sente o peso da duração. A ciência, porém, insiste: houve um tempo em que não existiam estrelas; depois, um tempo em que as primeiras acenderam; depois, um tempo de galáxias se formando; muito mais tarde, um tempo de planetas com oceanos; muito mais tarde ainda, um tempo de vida; e, numa fração ínfima dessa história, o tempo da nossa espécie.

No laboratório do físico, o tempo é uma grandeza que entra em equações. Ele aparece como variável em modelos, está ligado ao aumento da entropia, marca a direção em que as coisas se desorganizam. No relógio das partículas, o tempo é aquilo que separa estados diferentes de um mesmo sistema; no relógio das estrelas, é aquilo que transforma nuvens de gás em sóis e sóis em poeira.

É um tempo que não tem intenção. Não quer nada, não espera nada. Apenas passa.

### *O relógio da Planície*

O *Livro Universo em Desencanto* fala de tempo noutro tom. Quando descreve a Planície Racional, ele quase não fala em “antes” e “depois”. Ali, o que existe é progresso de pureza<sup>41</sup>, sem desgaste. Não é um tempo que consome; é um tempo que aprofunda. A imagem mais próxima, para nós, talvez seja a de uma música que pode continuar crescendo sem nunca saturar, porque ninguém ali erra o tom.

É só quando alguns Habitantes começam a insistir em progredir por conta própria na parte que não estava pronta que o tempo, do jeito que conhecemos, começa a entrar em cena. A partir da queda, aparecem, pouco a pouco, três tempos diferentes:

- o tempo da deformação: aquele em que a parte desce, a Planície

---

<sup>41</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 41.

empola, queima, vira resina, goma, água, micróbios, bichos, corpos;

- o tempo da vida no buraco: nascer, crescer, envelhecer, morrer — ciclos que se repetem sobre o mesmo chão;
- o tempo da correção: aquilo que o *Livro* chama de fase da Imunização Racional, em que a Natureza, cansada de rodar em círculo, passa a oferecer outra forma de comando.

Esses tempos não são medidos com relógio de parede. O *Livro* não diz: “tal dia, tal mês, tal ano, começou a queda”. Ele fala em eternidades, em mudanças de fase, em maturações da Natureza que não cabem na escala de uma vida humana. Só mais adiante, muito adiante, quando a queda já vai avançada, é que surgem as datas que nos são familiares — continentes, povos, calendários.

Mesmo assim, o *Livro* insiste numa afirmação concreta: depois de tanto girar, a fase do pensamento se esgotou e a Fase Racional entrou em vigor, num ponto específico da nossa história recente. Não por decreto humano, mas por maturação da própria Natureza, como quem diz: “o que vocês podiam experimentar só com pensamento, já experimentaram; agora, ou aprendem a raciocinar com a origem, ou a roda quebra.”

O tempo, aqui, não é apenas quantidade de anos. É estado da Natureza.

#### *A pedra no sapato das datas*

Quando um estudante de cosmologia lê o *Livro*, a primeira reação é quase inevitável: “mas as datas não batem”. O universo da ciência tem 13,8 bilhões de anos, a Terra algo como 4,5 bilhões; a vida microscópica aparece há alguns bilhões; a vida complexa, há algumas centenas de milhões; a nossa espécie, há uns poucos centos de milhares de anos. Tudo isso apoiado em fósseis, isótopos radioativos, camadas de rocha, luz antiga.

Já o *Livro* fala de eternidades de Planície, fases da deformação, ciclos de extinção sobre a resina, sobre a goma, sobre a água, tempos de bichos,

tempos de feras, tempos de selvagens, tempos de civilizados, fase do pensamento, Fase Racional. Não há uma linha única de datas que possamos simplesmente alinhar com a da ciência, como quem sincroniza relógios.

Se tentarmos forçar, tudo quebra. Ou transformamos o *Livro* numa espécie de “proto ciência” mal escrita, que teria adiantado de forma confusa descobertas futuras — e aí perdemos justamente o que ele tem de mais próprio; ou reinterpretemos a ciência como um grande equívoco de laboratório, ignorando o peso de séculos de observação — e aí, além de injustos, ficamos cegos para um dos melhores mapas que temos do mundo material.

*A parte que não estava pronta* prefere outro caminho: aceitar que há dois tipos de cronologia em jogo.

A cronologia científica diz respeito à história do universo físico tal como ele pode ser medido de dentro: formação de partículas, estrelas, planetas, espécies, culturas. A cronologia do *Livro* diz respeito à história de uma queda e de uma correção vistas de um plano que se declara exterior ao nosso universo.

Dito de outra forma: a ciência conta o tempo do filme. O *Livro* se propõe a contar o tempo do projetor.

*Esgotamentos que se encontram*

Apesar de não baterem nos números, as duas cronologias se tocam num ponto: a ideia de esgotamento.

A física contemporânea, olhando muito de longe, enxerga um universo que se expande, esfria e, em alguns modelos, caminha para uma espécie de tédio térmico: estrelas extinguem, diferenças de temperatura se apagam, processos que hoje parecem exuberantes vão rareando. Não é uma profecia religiosa; é uma projeção matemática sobre o comportamento de grandes conjuntos de matéria e energia.

Do ponto de vista da vida humana, porém, o esgotamento aparece mais

perto. Não precisamos esperar trilhões de anos para sentir que algo chegou ao limite. Basta olhar para o modo como lidamos com o planeta, com o clima, com os recursos, com o próprio sistema nervoso. Há uma sensação difusa de que o pensamento, como forma de comando, esticou demais a corda.

Carregamos no bolso um aparelho que condensa, em poucos centímetros, mais informação do que uma biblioteca antiga. Podemos falar com pessoas do outro lado do mundo em tempo real. Podemos simular, prever, projetar, otimizar. E, no entanto, a sensação de desajuste, ansiedade, saturação, não diminui. Em muitos casos, aumenta.

O autor do *Livro*, Sr. MANOEL JACINTHO COELHO, diz que “a fase do pensamento terminou”. Não no sentido de que ninguém mais pensa, mas no sentido de que o pensamento, sozinho, já mostrou ao que veio. Ele levou a humanidade até um certo tipo de progresso material e moral, mas também a um certo tipo de esgotamento. A fase se cumpriu, como se cumpre o tempo de um remédio que não pode ser tomado indefinidamente sem virar veneno.

Curiosamente, a própria ciência usa, às vezes, uma linguagem parecida. Quando fala em esgotamento de um modelo econômico, em colapso de um ecossistema, em burnout de um cérebro submetido a estímulos excessivos, ela está dizendo, com outras palavras: este modo de funcionamento chegou ao limite daquilo que é capaz de oferecer.

A diferença é que, para a ciência, esses esgotamentos são locais e corrigíveis com ajustes. Para o *Livro*, o esgotamento é estrutural: é a própria fase do pensamento, como comando da Natureza, que estaria de saída. Daí a necessidade de uma Fase Racional, com outro tipo de comando, ligada à origem, atuando “por cima” do pensamento.

Talvez o ponto de encontro entre as duas cronologias esteja aqui: ambas reconhecem que não dá para seguir indefinidamente do jeito que está. Divergem na explicação e na saída; mas concordam, de certo modo, no

diagnóstico: há cordas gastas demais no instrumento.

*Tempo humano, tempo da Natureza*

Entre o tempo dos bilhões de anos e o tempo das fases metafísicas, há ainda um terceiro: o tempo humano, que cabe numa agenda de papel. É o tempo que realmente sentimos: dias que arrastam, anos que passam depressa, ciclos pessoais de entusiasmo e cansaço.

Do ponto de vista da ciência, esse tempo é uma combinação de relógio biológico, cultura, memória. Uma criança de cinco anos sente um ano como uma eternidade; um adulto de cinquenta sente um ano como um espirro. A psicologia estuda como a novidade dilata a percepção de duração, como a rotina a contrai, como a atenção muda nossa experiência do tempo.

Do ponto de vista do *Livro*, esse tempo humano é o palco em que uma coisa muito mais vasta pode ou não acontecer: o início da Imunização Racional. Anos se passam, sempre feitos dos mesmos 365 dias; mas, em algum ponto desses anos, alguém abre o *Livro Universo em Desencanto* com seriedade pela primeira vez. A partir daí, a narrativa afirma que começa um outro tempo, por dentro: o tempo da ligação com a origem.

Nada muda no calendário. Mas muda o sentido do que cada dia contém. Um minuto de leitura com atenção verdadeira passa a ter peso diferente. Um pequeno gesto de correção de conduta, uma renúncia a uma oportunidade de prejudicar alguém, um pedido sincero de desculpa, deixam de ser apenas “momentos de ética” para se tornarem, no vocabulário da *Escrituração*, passos de retorno.

A ciência não tem como medir isso. Ninguém inventou ainda um aparelho que registre a “distância” de uma criatura em relação à sua origem transcendental. No máximo, podemos observar efeitos indiretos: a pessoa fica menos impulsiva, mais calma, menos refém de certas compulsões. Mas o núcleo do que o *Livro* descreve como Imunização Racional escapa a qualquer cronômetro humano.

Mesmo assim, ele acontece no único tempo que realmente temos: o tempo de um dia depois do outro.

*Viver entre relógios*

Se aceitarmos, por um momento, que essas três camadas de tempo convivem — o tempo cósmico, o tempo da queda e da Fase Racional, o tempo humano —, a vida diária ganha um contorno curioso.

Quando você olha para o céu e vê uma estrela, está vendo luz que saiu dela há dezenas, centenas, milhares de anos. É o tempo cósmico batendo na sua retina. Quando você lê, no *Livro*, que vivemos na fase da Imunização Racional, está escutando a interpretação de um outro tempo, aquele em que a Natureza, cansada da fase do pensamento, teria mudado o comando. Quando você decide, numa terça-feira qualquer, não responder uma ofensa na mesma moeda, está usando o pequeno tempo humano como laboratório dessa correção.

O perigo é querer abolir um relógio em nome do outro. Desprezar a cronologia da ciência em nome da cronologia do *Livro* é fechar os olhos para uma quantidade imensa de trabalho honesto de observação. Desprezar a leitura do *Livro* em nome da cronologia da ciência é reduzir a vida a uma sequência de processos físicos, como se a única história fosse a do carbono.

Este livro, que nasceu do desconforto entre essas duas fidelidades, prefere uma outra postura: aceitar que vivemos entre relógios. Somos, ao mesmo tempo, poeira de estrelas viajando num universo de 13,8 bilhões de anos; criaturas deformadas de uma Planície, vivendo num buraco; pessoas concretas, com CPF, contas a pagar e um tempo finito de respiração.

Nada nos obriga a escolher um único mapa e queimar os outros. O que se pede, talvez, é sinceridade: reconhecer que cada mapa fala de um aspecto da mesma travessia.

*“Em que tempo eu vivo?”*

No fim, a questão que talvez importe mais não é “quantos bilhões de

anos o universo tem” nem “em que ano, exatamente, começou a Fase Racional”, embora essas perguntas tenham o seu lugar. A questão que volta, teimosa, é outra: em que tempo eu vivo?

Ou, dito de outro modo: qual relógio estou deixando mandar em mim?

Posso viver como se só existisse o tempo curto da ansiedade: tudo é urgente, tudo é agora, tudo é imediatamente decisivo. Posso viver como se só existisse o tempo longo da biologia: nascer, reproduzir, sobreviver, acumular conforto, tentar prolongar o corpo mais um pouco. Posso viver como se só existisse o tempo cósmico: um universo indiferente no qual nada importa de verdade, porque tudo se dissolve na expansão.

O *Livro Universo em Desencanto* propõe uma quarta resposta: viver no tempo da correção, mesmo estando ainda submetido às outras cronologias. Fazer do pouco tempo humano disponível — algumas décadas, às vezes menos — um laboratório mínimo de alinhamento com uma origem que não envelhece.

Isso não resolve, magicamente, o desencontro de números entre a ciência e a *Escrituração*. Não apaga fósseis nem derrete telescópios. Também não transforma a cosmologia numa parábola edificante que possamos adaptar ao gosto do freguês. O que faz é outra coisa: desloca o centro da pergunta.

Em vez de perguntar apenas “há quanto tempo o universo existe?”, começa a soar, por dentro, uma pergunta mais íntima: como estou usando o tempo que me coube dentro dele?

No próximo capítulo, vamos levar essa pergunta até o limite daquilo que mais nos assusta e, ao mesmo tempo, mais nos iguala: a morte.

Não como ameaça, nem como consolo fácil, mas como ponto em que todas as cronologias se cruzam: o relógio do corpo que para, o relógio da espécie que continua, o relógio do universo que segue em expansão, o relógio da Planície que, segundo o *Livro Universo em Desencanto*, nunca deixou de contar uma outra história sobre quem somos e para onde, afinal, voltamos.

## Capítulo 10

### Corpos que acabam, fio que se sustenta

Toda história de origem que se leva a sério acaba encostando na mesma parede: a morte. Não adianta falar de Planície, de Big Bang, de fases da Natureza, se, no fim, o corpo vai para o chão e tudo o que você conheceu como “você” parece dissolver-se em poucas horas. É aqui que a cosmologia deixa de ser curiosidade intelectual e mostra se tem algo a dizer sobre a vida concreta.

A ciência, o *Livro Universo em Desencanto* e a experiência comum olham para o mesmo fato bruto — o corpo acaba — e desenham mapas diferentes. Este capítulo é uma tentativa de colocar esses mapas lado a lado, sem misturá-los nem usá-los como arma, mas deixando que iluminem, cada um à sua maneira, a pergunta que a gente evita até quando ri: o que, exatamente, é que termina quando morremos?

*Um corpo que veio de longe*

Do ponto de vista da ciência, a morte é, em primeiro lugar, um evento físico: um sistema altamente organizado perde a capacidade de manter a própria ordem. Cessa a circulação, cessam impulsos elétricos, cessam reações coordenadas. O corpo, que por décadas bloqueou a tendência ao caos, devolve-se à regra geral: desintegra-se, mistura-se com o ambiente, volta a ser parte anônima da matéria.

Há algo de sublime e de brutal nessa narrativa. Sublime, porque ela reconhece que o corpo que vai embora ali não é qualquer coisa. É o resultado de uma cadeia absurdamente longa: átomos forjados em estrelas, reunidos em moléculas, organizados em células, tecidos, órgãos. Cada batida do coração é uma herança de bilhões de anos de ajustes. Cada sinapse que se apaga já foi, por um tempo, a ponta de lança do universo tentando se conhecer.

Brutal, porque o veredito é seco: do ponto de vista estritamente físico, o que havia de singular naquele arranjo — a maneira específica como aquele cérebro sustentava memórias, afetos, gestos — deixa de funcionar. O filme acaba, o projetor continua; mas, para aquele personagem, o filme não recomeça.

Quando um astrofísico diz que somos “poeira de estrelas”, ele está dizendo exatamente isso: o corpo é uma forma temporária de uma matéria que circula. Depois da morte, os átomos seguem. O que parece ter realmente fim é o padrão de organização que chamávamos de “eu”.

*Um corpo emprestado num buraco*

O *Livro Universo em Desencanto* conta a mesma cena de um ponto mais alto, e por isso mais estranho. Para ele, o corpo nunca foi, de fato, o “dono da casa”. Sempre foi uma espécie de roupa, de aparelho, de máquina organicamente sofisticada, surgida lá embaixo, sobre a água e a cinza, para abrigar uma deformação de Habitante Racional.

Na linguagem do *Livro*, o que ocupa o corpo é um conjunto: um ser Racional deformado, ligado ao Mundo Racional de origem; um fluido elétrico e magnético, próprio da deformação; e um corpo de matéria, feito da mesma substância do chão. Vivemos num buraco, dentro de uma máquina que não pode durar, pilotados por um princípio que não nasceu nem morre com esse conjunto de ossos.

A morte, então, não é entendida como um “nada”, mas como uma retirada de aparelho. O corpo volta ao chão. O fluido elétrico e magnético entra noutra fase de experiências, conforme a conduta que levou ali. O princípio Racional, que o *Livro* insiste em dizer que está “muito acima” disso, permanece na sua natureza, ainda que, por enquanto, sem consciência plena de si.

É uma imagem que não cabe em microscópio. Nenhuma autópsia registra “princípio Racional saindo”. O que a autópsia vê é o mesmo que a

ciência vê: um conjunto de tecidos que deixou de se sustentar. Mas, do ponto de vista do *Livro*, isso é só a camada mais externa do acontecimento. O essencial se dá na ligação — ou falta de ligação — entre o que éramos aqui embaixo e a origem que nunca deixou de existir.

Quando um trecho da *Escrituração* diz que a vida de bicho é uma “passagem”, a palavra é literal. Corpos trocam, o buraco continua buraco, o princípio Racional não se extingue.

*Entre o horror e a promessa*

A filosofia, que não se compromete nem com laboratórios nem com Escriturações, passa a vida rondando esse ponto. Alguns pensadores olharam a morte como dissolução pura: somos um intervalo entre dois nada, um clarão breve no escuro, e é justamente isso que dá peso a cada gesto. Outros preferiram acreditar numa continuidade, mas sem nomeá-la demais: há algo em nós que não cabe nas estatísticas da biologia, e talvez seja isso que resista.

Qualquer que seja o mapa, a experiência humana da morte oscila, quase sempre, entre dois extremos: horror e promessa. Horror, porque o corpo dói, apodrece, falta, faz falta. Promessa, porque quase ninguém suporta viver acreditando sinceramente que tudo o que amou vira pó sem resto. Entre esses dois extremos, inventamos rituais, religiões, teses, teorias, silêncios.

O *Livro Universo em Desencanto* entra nesse campo sem rodeios, mas também sem promessas fáceis. Ele não oferece céu de recompensa para bons, nem inferno de tortura eterna para maus. Fala em fases de aprendizado, em repetições dolorosas, em uma natureza que, cansada de ver o Habitante Racional rodando em círculo no buraco, abre um outro tipo de comando: o da Imunização Racional.<sup>42</sup>

A promessa não é de um “lugar melhor” depois da morte, desde que você cumpra certos ritos. A promessa, se a palavra couber, é outra: a de que é possível, ainda com o corpo vivo, reatar a ligação com a origem de onde

---

<sup>42</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 344.

nunca deixou de vir a verdadeira vida. A morte do corpo, vista nessa chave, deixa de ser uma fronteira absoluta e passa a ser uma mudança de etapa dentro de um movimento maior, que não começou no berço nem termina no caixão.

*Quando a cosmologia toca o luto*

Tudo isso ainda seria abstrato se não encostasse no luto real: o lugar em que não há mais “em tese”, há um nome, um rosto, uma cadeira vazia. É aí que as narrativas se revelam ou se desmancham.

Se você enxerga o universo apenas como uma sucessão de processos físicos, pode encontrar consolo em saber que nada se desperdiça: o corpo de quem se foi será, um dia, terra, planta, talvez parte de outro corpo. Pode encontrar uma certa paz em imaginar que não há mais sofrimento, nem medo, nem expectativa; apenas silêncio. É um consolo seco, mas sincero: o que acabou, acabou; o que continua é a matéria.

Se você lê o *Livro*, pode encontrar consolo em outra direção: a de quem se foi não se extinguiu, apenas deixou um aparelho. Continua, de algum modo, no processo da Natureza, sob leis que não dependem da nossa vontade. Se essa criatura, em vida, se aproximou da Imunização Racional, se buscou de fato a origem, a narrativa afirma que isso não se perde. A ligação com a Planície não é um favor sentimental, é uma questão de sintonia. O fio que se acendeu não se apaga com a parada do coração.

Ainda assim, o luto dói. Dói mesmo que você acredite sinceramente na Imunização. Dói mesmo que você conheça de cor as equações de evolução estelar. Dói porque o corpo, para nós, é o rosto da presença. O abraço, a voz, o cheiro, o jeito de mexer na xícara — tudo isso é insubstituível.

Nenhuma cosmologia decente promete abolir essa dor. O máximo que ela pode fazer é impedir que a dor se transforme em desespero sem chão. A ciência faz isso mostrando que fazemos parte de um processo maior que nós, e que a morte não é defeito, mas condição do mesmo mecanismo que

permitiu a vida. O *Livro* faz isso dizendo que a vida verdadeira não está confinada a este mecanismo, e que o que somos de mais fundo não nasce nem morre com ele.

### *O medo como sintoma*

Talvez o ponto de contato mais sutil entre esses mapas esteja no medo. O medo da morte é um dos fios mais constantes da experiência humana, mesmo em quem se diz “resolvido” com o assunto. Mas ele não é um monolito; tem muitas camadas.

Há o medo físico, quase animal, de dor e sufocamento. Há o medo social, de deixar desamparados aqueles por quem somos responsáveis. Há o medo de julgamento, em quem foi educado na crença num tribunal pós-morte. E há um medo mais difícil de nomear: o medo de dissolução, de deixar de ser um “eu” e se transformar num nada ou numa coisa indistinta.

A ciência, quando honesta, admite que não tem muito a dizer sobre esse medo último. Ela pode explicar por que sentimos medo — circuitos cerebrais, hormônios, aprendizado —, mas não pode garantir, em nome do laboratório, que há algo além da morte do corpo. Se o cientista, como pessoa, acredita ou não em algo mais, já é outra conversa.

O *Livro* lê esse medo de outro modo. Para ele, o pavor da morte é um sintoma da situação de exílio. É como a angústia de alguém que sabe, sem saber, que está fora do lugar. O medo, nessa chave, não vem apenas da possibilidade de acabar; vem de uma memória remota da Planície, em que não havia esse tipo de fim. Sentimos a morte como afronta porque, para o princípio Racional, ela é mesmo uma deformação, um acidente prolongado.

Isso não significa que um estudante do *Livro* deixe de ter medo num passe de mágica. Significa apenas que o medo ganha contexto: é compreendido como parte do quadro de uma vida vivida num buraco, com um aparelho que não foi feito para durar, numa fase em que o pensamento corre mais do que a compreensão da origem.

Quando a Imunização é levada a sério, o medo tende a se deslocar. Continua havendo receio da dor e do sofrimento físico — ninguém é obrigado a gostar de hospital —, mas a morte deixa de ser o abismo sem fundo e passa a ser uma espécie de porta de serviço num prédio cujos andares superiores já começaram a ser conhecidos, ainda que de relance.

*Entre o fim e o retorno*

No fim das contas, toda cosmologia é testada aqui: na forma como ajuda ou não ajuda a viver de modo menos desorientado diante do único fato garantido da biografia. Não é uma prova em laboratório; é uma prova no silêncio do quarto, na madrugada do hospital, no cemitério depois que todos foram embora.

Se a história que contamos sobre o universo só serve para brilhar em palestra, mas não conversa com esse ponto, algo ficou faltando. Se a história que contamos sobre a Planície e a queda só serve para nos distrair ou inflar vaidades, mas não atravessa o modo como encaramos o próprio fim, algo foi mal entendido.

O que este livro tenta sugerir, até aqui, é um uso muito concreto dessas narrativas. A ciência nos lembra, o tempo todo, que somos finitos como corpos, e que essa finitude não é falha, é condição de possibilidade de tudo o que apreciamos: sem morte de estrelas, não há elementos pesados; sem morte de células, não há organismo que se renove; sem morte de gerações, não há história que avance.

O *Livro* nos lembra, o tempo todo, que não somos só corpos, e que essa percepção não deve servir para desprezar a matéria, mas para recolocá-la no seu devido tamanho. O corpo é precioso porque é justamente nele, e só nele, que o Habitante Racional pode, segundo a *Escrituração*, tomar consciência da própria situação e iniciar o retorno à origem. O aparelho é provisório, mas é insubstituível enquanto dura.

Entre o fim e o retorno, a única margem de manobra que temos é o uso

que fazemos do pouco tempo em que corpo e princípio Racional estão amarrados. A morte, vista assim, deixa de ser apenas um fim e passa a ser também um espelho: ela nos pergunta, sem ornamentos, o que fizemos com o intervalo.

No próximo capítulo, vamos deslocar o foco da morte individual para um outro tipo de fim: os finais de fase coletiva. Vamos olhar como a ciência imagina destinos possíveis para o próprio universo — expansão interminável, colapsos, mudanças de regime — e como o *Livro Universo em Desencanto* fala de término de fases, de esgotamentos da Natureza, de viradas silenciosas de comando.

Se a morte é o ponto em que cada biografia encontra seu limite, esses finais de fase são o ponto em que a própria espécie, a própria Natureza, encostam na pergunta: “e agora?”. É nesse cruzamento entre destinos individuais e destinos de mundo que a conversa entre cosmologia e cosmogonia fica mais arriscada — e talvez mais necessária.

## Capítulo 11

### Voltar sem sair do lugar

A esta altura do caminho, a palavra “retorno” já apareceu tantas vezes que corre o risco de ficar gasta. Voltar à Planície, voltar à origem, retorno ao Mundo Racional. Repetida rápido demais, ela começa a soar como promessa de panfleto: aperte um botão secreto, faça um rito discreto, e pronto, está “de volta” a um lugar que não lembra ter saído.

O problema é que o *Livro Universo em Desencanto* não fala de retorno como quem anuncia um voo internacional. Não se trata de “embarcar” para outro mundo, deixando este para trás, como quem troca de planeta num filme de ficção científica. A imagem é outra, mais exigente e menos espetacular: voltar sem sair do lugar.

A frase parece contraditória, mas é o coração da proposta. O corpo permanece aqui, sujeito às mesmas leis, ao mesmo trânsito, às mesmas contas, à mesma gravidade. A vida continua passando pela fila do mercado, pelo ônibus cheio, pelos exames de rotina, pela alegria de um almoço em família, pelos medos discretos da madrugada. O “retorno”, segundo a *Escrituração*, não é uma fuga desse cenário, mas uma alteração de base dentro dele.

É como se o *Livro* dissesse: o endereço não muda; o que muda é de onde você, de fato, passa a viver.

*Um tratamento de base, não uma troca de corpo*

Se quisermos uma imagem mínima, dá para roubar uma metáfora emprestada da física de materiais. Imagine uma barra de metal que, ao longo do tempo, foi entortada, aquecida, resfriada, batida, usada como alavanca, apoio, trampolim. Olhando de fora, ela ainda é “uma barra”; cumpre funções, aguenta peso, participa de estruturas. Por dentro, porém, as camadas estão

tensas, cheias de pequenas fraturas, regiões endurecidas demais, outras moles demais.

A Imunização Racional, na leitura do *Livro*, seria menos uma substituição dessa barra por outra, e mais um processo de realinhamento interno. Uma espécie de tratamento térmico metafísico: o ser humano, pela leitura paciente e pela ligação com o Mundo Racional, vai tendo a base reorganizada. Não some do cenário, não ganha asas visíveis, não escapa magicamente da condição do buraco. Mas passa a ser, em silêncio, de outra ordem.

O *Livro* descreve isso numa linguagem própria: o raciocínio, que estava atrofiado, começa a se desenvolver; o pensamento e a imaginação, que eram donos da casa, passam a ser serventes; o aparelho Racional, antes desligado, é ligado ao Mundo Racional, que passa a se manifestar pela cabeça, orientando, esclarecendo, guiando.<sup>43</sup>

Por fora, ainda um corpo de barro. Por dentro, outro comando.

*Nem religião, nem rito: leitura como técnica*

É tentador traduzir isso como “iluminação”, “despertar”, “experiência espiritual”. Mas as palavras, aqui, enganam. A Cultura Racional insiste, linha após linha, que não é religião, nem seita, nem filosofia espiritualista. Não oferece dogma a ser crido, rito a ser cumprido, credo a ser decorado. Oferece leitura: *Livro Universo em Desencanto*, volume após volume, página após página, numa insistência quase obstinada.

Para quem olha de fora, pode parecer pouco: “apenas” ler. Para quem leva a sério a narrativa do *Livro*, é muito mais radical: é colocar a própria cabeça sob outra ordem de energia. A leitura não seria um ato psicológico de “reflexão”; seria um gesto técnico – no sentido mais profundo da palavra – de ligar um fio que estava desligado desde a queda.

O retorno, então, não acontece num cenário de êxtase; acontece numa

---

<sup>43</sup> *Universo em Desencanto*, vol. 1º O, p. 344.

cadeira de cozinha, num ônibus, num quarto simples: alguém abre o *Livro* e lê. De fora, não há nada digno de manchete. De dentro, segundo a *Escrituração*, o Mundo Racional aproveita aquele canal aberto pela atenção e começa, ele, a se fazer presente, a se revelar, a se explicar. O que o ser humano chama de “compreender” seria apenas o eco, na sua inteligência, de um movimento muito maior.

Voltar sem sair do lugar é isso: continuar vivendo na mesma rua, no mesmo bairro, sob o mesmo sol, mas com a cabeça ligada a uma base que não é mais daqui.

*O que a ciência não promete*

A ciência, por sua vez, não fala em retorno. Na melhor das hipóteses, fala em avanço de conhecimento, novas teorias, correções de modelos, expansão do mapa do universo observável. Não há, nos livros de cosmologia, capítulo sobre “voltar ao antes do Big Bang”. O máximo que se arrisca é especular sobre fases anteriores de um ciclo cósmico, universos bebê, multiversos, hipóteses elegantes. Mas nada disso tem a pretensão de recolocar o ser humano numa “origem perdida” – no máximo, amplia o espanto diante da vastidão.

É por isso que, quando olhamos os dois mapas ao mesmo tempo, o da ciência e o do *Livro*, o termo “retorno” ganha um peso específico muito grande. Não é uma metáfora poética, não é um consolo psicológico, não é um adjetivo piedoso para “morrer em paz”. No vocabulário do *Universo em Desencanto*, retornar é um processo técnico, rigoroso, de desfazer o desvio de base que começou lá na parte que não estava pronta.

A queda, lembrando, não foi um tropeço cênico; foi uma longa sequência de decisões insistidas, numa região instável. O retorno, por coerência, também não será uma mágica de última hora; será uma sequência longa de correções, numa região igualmente instável: a cabeça humana.

*Por que o mundo não muda de cor?*

Uma pergunta, então, se impõe: se é assim, por que o retorno não tem cara de revolução? Por que o mundo não muda de cor quando alguém se imuniza? Por que não aparece, na tela do jornal, o anúncio dessa mudança de fase?

O *Livro* responde, com a sobriedade que às vezes passa despercebida: porque a Imunização Racional é individual. Não há, na *Escrituração*, promessa de “salvação coletiva” nos moldes de um decreto mundial. O que há é uma linha simples: cada ser humano, ao se ligar ao Mundo Racional pela leitura, vai se imunizando, isto é, deixando de ser vítima das influências deformadas e voltando à condição de aparelho Racional.

Esse processo não faz barulho; faz efeito. Não levanta bandeiras; acende luzes – não no céu, mas no entendimento.

*Ímãs que se alinham num campo invisível*

Em termos físicos, poderíamos tentar uma analogia: pense num ambiente impregnado por um campo magnético desordenado. Cada partícula, cada pequeno ímã, aponta para um lado. O resultado é um ruído de forças que se cancelam, linhas de campo que se cruzam, tensões que se acumulam. Não há direção comum.

A Imunização, na linguagem do *Livro*, seria como um processo em que, um a um, alguns desses pequenos ímãs vão se alinhando com um campo superior, constante, que não vem do ambiente, mas de fora dele. À medida que isso acontece, o ruído interno diminui. Não é que o campo externo “apareça” visualmente; é que, pouco a pouco, o caos de direções cede lugar a uma orientação clara.

O mundo, visto de longe, segue sendo o mesmo. Mas, naquele ponto específico, naquela cabeça específica, algo se alinhou. Voltar sem sair do lugar é, também, isso: ser atravessado por outro eixo, sem mudar de endereço.

No cotidiano, porém, isso tudo ganha formas menos abstratas. Para

quem está de fora, a diferença entre um “animal Racional” desligado e um “aparelho Racional” ligado não aparece numa foto, num exame de sangue, num crachá. Ela se mostra, aos poucos, na maneira de viver.

O *Livro* é insistente nesse ponto: Imunização Racional não é licença para abandono, nem passaporte para acima de tudo e de todos. Ao contrário, quanto mais o ser humano se liga ao Mundo Racional, mais lúcido deveria ficar em relação às consequências de seus atos, mais cuidadoso no trato com os outros, mais responsável no uso das coisas.

Não se trata de ficar “santo” no sentido caricatural; trata-se de voltar a funcionar conforme a base de origem. E a base de origem, segundo a *Escrituração*, é de respeito absoluto: ninguém invade o direito do outro, ninguém se aproveita da ignorância alheia, ninguém usa a inteligência para explorar, enganar, dominar.

Se quisermos traduzir isso num idioma menos metafísico, poderíamos dizer: um ser imunizado é alguém que, mesmo vivendo no buraco, não pensa mais com a lógica do buraco. Ele sabe que o mundo em que pisa é resultado de uma longa queda; sabe que o corpo que usa é empréstimo, não fim em si mesmo; sabe que toda esperteza que explora o outro volta, inevitavelmente, sobre si. Essa consciência não o torna melhor que ninguém, mas o torna menos disponível para certas armadilhas.

Ainda é um ser humano, com falhas, limites, cansaços. Mas não é mais um turista perdido no abismo; é alguém que encontrou a trilha de volta, mesmo que ainda esteja no meio da descida.

### *A mudança de pergunta*

Do ponto de vista de quem observa, a grande marca desse retorno não é um fenômeno espetacular, mas uma mudança de eixo na curiosidade. Antes, a pergunta central era “como melhorar a minha vida aqui dentro?”. Depois, sem abandonar essa pergunta legítima, surge outra, mais funda: “como é que eu volto à base de onde saí, sem abandonar meu posto aqui?”.

É uma diferença sutil, mas decisiva. A primeira pergunta, sozinha, alimenta o progresso da degeneração: aperfeiçoa meios, sem perguntar pelos fins. Ajuda a construir dispositivos, sistemas, tecnologias que tornam a vida mais longa, mais conectada, mais confortável, mas não necessariamente mais lúcida. Podemos, assim, chegar muito rápido a lugares em que não sabemos o que fazer, cercados de recursos que não sabemos usar sem nos destruir.

A segunda pergunta desloca o centro de gravidade. Não abandona o cuidado com a vida aqui – ninguém vive de abstrações –, mas recusa tratá-la como absoluto. Sabe que toda conquista neste buraco é, por definição, provisória. Aproveita o tempo não apenas para acumular experiências de dentro, mas para, lendo, ligando-se, ir desfazendo o esquecimento da Planície.

Em termos de imagem, é como se a vida deixasse de ser um passeio dentro de um shopping sem janelas e passasse a ser o trabalho de alguém que, andando pelos corredores, sabe que existe, lá fora, uma luz verdadeira, e que o seu dever é encontrar a saída sem derrubar ninguém no caminho.

#### *Um livro singular na estante do mundo*

É aqui que o *Livro Universo em Desencanto* se coloca, no contexto deste livro, como um objeto absolutamente singular. Não é “apenas” mais um texto na estante de cosmologias, ao lado dos manuais de física, dos tratados filosóficos e das tradições milenares. Ele se apresenta como uma *Escrituração* ditada por uma Fonte que se diz ser o próprio RACIONAL SUPERIOR – o que, numa chave metafísica, equivale a dizer: o mapa vem da origem, não de dentro do buraco.

Essa pretensão é grande demais para ser engolida sem mastigar. Por isso, este livro não pede que o leitor acredite nela por devoção ou entusiasmo. Pede, no máximo, que a considere com o mesmo cuidado com que considera uma teoria científica: lendo, confrontando, observando efeitos.

A diferença é que, enquanto uma teoria científica se testa com

instrumentos externos – telescópios, aceleradores de partículas, equações –, a *Escrituração* do *Livro* se testa pela própria vida de quem lê. A pergunta não é apenas “isso faz sentido?”, mas “isso, lido com seriedade, altera a minha conduta, a minha percepção, a minha relação com o mundo?”.

A resposta não virá em forma de gráfico, nem de prêmio internacional. Virá numa escala íntima, às vezes inconfessável. Virá em decisões silenciosas, na recusa a certos atalhos, na paciência com certos processos, na coragem de admitir a própria ignorância sem cinismo.

Voltar sem sair do lugar, na prática, é isso: deixar que a leitura do *Livro* reorganize, por dentro, a forma de habitar este mundo.

### *Dois territórios, dois tipos de mapa*

Do lado da ciência, há um gesto que, curiosamente, se aproxima dessa humildade. Um físico honesto sabe que, por mais avançados que estejam seus modelos, há fronteiras que ele não atravessa: o “antes” do universo observável, o “porquê último” das constantes físicas, o sentido último da existência. Ele pode, no máximo, descrever como as coisas se comportam, prever comportamentos futuros, corrigir hipóteses. Saber “para quê”, ou “para onde”, não é uma pergunta que a física, enquanto tal, possa responder.

Do lado do *Livro Universo em Desencanto*, há o gesto complementar: ele se propõe a falar justamente do “porquê” e do “para onde” – de onde saímos, por que caímos, como voltamos –, mas não se mete a corrigir equações, nem a medir galáxias, nem a substituir telescópios. Não oferece “dados” concorrentes com os da astrofísica; oferece um mapa transcendental que, em tese, atravessa o próprio cenário que a astrofísica descreve.

Este livro, escrito entre essas duas linhas, tenta apenas não confundir os territórios. Quando fala de Big Bang, evolução estelar, formação de planetas, fala em nome da melhor ciência disponível, sabendo que ela se corrigirá um dia. Quando fala de Planície, parte não pronta, foco de luz, Imunização Racional, fala em nome de uma *Escrituração* que se assume revelada e que, por

isso mesmo, tem outro tipo de compromisso.

No ponto em que esses dois mapas se cruzam – o ser humano, aqui, agora –, o verbo “voltar” ganha relevo. A ciência não pode nos dizer a que voltar; o *Livro* diz que há um “para casa” muito preciso. A ciência não promete nada para além da nossa morte; o *Livro* descreve um percurso de retorno à condição de Habitante de Planície.

Não é necessário escolher, neste momento, qual mapa está “certo”. Mas talvez seja impossível seguir vivendo como se nenhum deles estivesse falando de nós.

*Uma cena trivial, um movimento imenso*

Talvez o modo mais simples de condensar tudo isso seja uma cena trivial: alguém, numa noite qualquer, abre o *Livro Universo em Desencanto* sobre a mesa. Lá fora, carros passam, notificações piscam, o mundo segue com sua pressa. No teto, a mesma lâmpada; na rua, o mesmo poste; no corpo, as mesmas dores de sempre.

Por alguns minutos, porém, aquela cabeça se inclina sobre um texto que insiste em lhe dizer: você não é só isso, não começou aqui, não termina aqui. Você está dentro de um buraco que parece vasto, mas é resultado de uma longa descida. Existe uma Planície que você esqueceu, mas que não esqueceu de você. Existe um Mundo Racional que acompanha cada passo, esperando apenas que você dê condições para que Ele se manifeste.

A condição, diz o *Livro*, é simples e difícil: ler, com persistência, sem misturar, sem fantasiar, deixando que o conteúdo, e não a ansiedade, faça o trabalho.

Do ponto de vista deste mundo, não acontece nada. Do ponto de vista da narrativa do *Livro*, muito acontece: uma cabeça se torna, pouco a pouco, menos prisioneira do buraco e mais aparelho de ligação com a origem.

Voltar sem sair do lugar talvez seja isso: continuar sentando na mesma cadeira, mas não ser mais, por dentro, o mesmo.

*A pergunta que fica para o fim*

Nosso último capítulo vai tentar, com todo o cuidado, olhar para essa mudança de eixo no horizonte mais amplo: o que significa, para um mundo inteiro habituado a se pensar apenas em termos de progresso técnico, a presença silenciosa de um conhecimento que fala em retorno ao Mundo Racional? Como viver, pensar, trabalhar, amar, criar, sabendo que, segundo o *Livro*, cada gesto feito aqui dentro ainda ecoa num plano que não vemos?

Não se trata de responder tudo; trata-se de reconhecer, com honestidade, que talvez a pergunta mais importante não seja “como avançar mais rápido?”, mas “de onde, afinal, queremos voltar?”.

## Capítulo 12

### O que fazemos com tudo isso

Chegamos ao fim e o mundo continua exatamente onde estava. As guerras não pararam, o preço do pão não baixou, o trânsito não abriu milagre à sua frente. O universo segue em expansão, as galáxias continuam se afastando, o sol amanhã nascerá pela mesma borda da janela.

Um livro não resolve o mundo. No máximo, resolve um pouco o modo como alguém olha para ele. Este aqui foi escrito com essa medida em mente: não como quem pretende “explicar tudo”, nem como quem se contenta em repetir fórmulas confortáveis, mas como quem tenta, com o cuidado possível, dar linguagem a um estranhamento antigo.

A pergunta, no fundo, é simples e enorme: se a cosmologia científica nos conta uma história de Big Bang, estrelas e evolução, e o *Livro Universo em Desencanto* nos conta outra, de Planície, parte não pronta, queda e retorno, o que fazemos com isso na vida de segunda-feira?

#### *Viver entre dois mapas*

Ao longo dos capítulos, tentamos tratar esses dois relatos como mapas de territórios diferentes, ainda que sobrepostos. A ciência descrevendo o universo a partir de dentro, com instrumentos, equações, previsões, correções. O *Livro* falando a partir de um ponto que se diz fora deste universo, o Mundo Racional, descrevendo a origem transcendental, a deformação e o retorno pela Imunização Racional.

Nada impede que alguém ignore um dos dois. É possível viver apenas com a cosmologia científica, confiando que basta entender melhor o “como” das coisas para que a vida encontre o seu eixo. Também é possível viver apenas com a cosmogonia do *Livro*, lendo a *Escrituração* sem dar muita atenção ao que o telescópio e o acelerador de partículas andam dizendo.

Mas há um tipo de leitor — talvez seja o caso de quem chegou até aqui — que não se satisfaz com essa escolha de exclusividade. Que sente que, se o universo material tem uma história bem contada pela ciência, isso não precisa ser inimigo da ideia de um Mundo Racional e de uma Planície anterior. E que, ao mesmo tempo, se há um relato tão minucioso quanto o do *Livro* sobre queda e retorno, não faz sentido tratá-lo como se fosse apenas superstição ou folclore.

Esse leitor vive entre dois mapas. E este livro foi escrito como companhia para esse lugar incômodo.

*Um universo que não cabe só na cabeça*

Do lado da cosmologia científica, o cenário é, por si só, quase inaceitável para a imaginação: um universo em expansão há bilhões de anos, campos quânticos vibrando num vazio que não é vazio, estrelas forjando elementos que acabam no nosso sangue, planetas nascendo e morrendo em escalas de tempo que esmagam qualquer medida humana.

Já seria bastante. Só isso já nos convidaria à humildade: o animal que escreve estas linhas é um ponto na poeira de uma galáxia entre centenas de bilhões. A matéria do seu corpo foi cozida em fornos estelares antigos. O cérebro com que ele pensa é uma improvisação biológica recente numa espécie que pode muito bem desaparecer.

Mas o *Livro Universo em Desencanto* acrescenta outra camada ao espanto: diz que, por trás dessa história física, há uma história transcendental. Que esse universo inteiro, com suas nebulosas e suas leis, é a parte deformada de uma Planície de ser puro. Que o tempo, tal como o sentimos, é um efeito dessa condição de queda. Que a vida, tal como a vivemos, é um capítulo de exílio. E que, mesmo assim, existe um caminho técnico de retorno à origem: a Imunização Racional pela leitura do *Livro Universo em Desencanto*.

Entre o telescópio e a *Escrituração*, uma certeza se impõe: seja qual for o mapa que prevalecer no fim, a nossa vida não cabe num mundo pensado

apenas como cenário de consumo.

### *Progresso com freio de mão*

Uma das intuições que atravessam este livro é a desconfiança do que aqui chamamos de “progresso da degeneração”: esse avanço que aperfeiçoa meios e empobrece fins. Não é um ataque à técnica, nem uma nostalgia de tempos idealizados. É, antes, um pedido de pausa: será que acelerar tudo, o tempo todo, sem perguntar “para quê”, não é repetir, em outra escala, o erro da parte que não estava pronta?

Na narrativa do *Livro*, a queda começou quando alguns Habitantes resolveram progredir por conta própria numa região instável, mesmo depois de avisos claros. Não havia maldade caricata; havia insistência curiosa fora de hora. Um desejo de ir “um pouco além”, sem medir as consequências para o conjunto.

Aqui embaixo, nossa história recente não é tão diferente. Multiplicamos dispositivos, conexões, recursos, sem perguntar com a mesma seriedade o que estamos fazendo com isso. Tornamos a vida mais longa, mais confortável, mais assistida, mas não necessariamente mais lúcida. Ao contrário: a mesma inteligência que inventa vacinas e telescópios inventa propagandas que exploram o medo, algoritmos que sequestram atenção, armas que tornam a extinção possível com poucos comandos.

Progresso com freio de mão seria isso: seguir caminhando na técnica, mas com a consciência de que, sem um eixo transcendental, o risco é aperfeiçoar apenas a velocidade com que cavamos o próprio buraco.

### *Humildade como tecnologia*

O termo “tecnologia” costuma nos remeter a máquinas, códigos, chips, laboratórios. Mas, numa chave mais ampla, tecnologia é apenas o conjunto de meios que uma civilização desenvolve para lidar com a realidade. Sob essa lente, a humildade — tanto a científica quanto a Racional — aparece como uma tecnologia de primeira necessidade.

A humildade científica é aquela que aceita limites: não sabe o que havia “antes” do universo observável, não se arrisca a decretar o sentido último da existência, admite que suas teorias são modelos provisórios, úteis enquanto funcionam, descartáveis quando falham. Essa humildade não diminui a ciência; é justamente o que a torna confiável.

A humildade Racional, por sua vez, é a de quem aceita que, por mais que pense, ainda está num buraco: não vê a Planície, não enxerga o Mundo Racional a olho nu, não inventa por conta própria o caminho de volta. Essa humildade não diminui o ser humano; é justamente o que cria condição para que o RACIONAL SUPERIOR se manifeste, segundo o *Livro*, pela leitura.

Quando essas duas formas de humildade se tocam, o clima muda. A ciência deixa de ser dogma agressivo; a cosmogonia do *Livro* deixa de ser arma de proselitismo. Ambas se tornam o que sempre deveriam ter sido: mapas parciais de um mistério maior do que qualquer linguagem.

#### *O trabalho miúdo da conduta*

Se tudo isso ficasse apenas no plano das ideias, seria só exercício de imaginação. Mas tanto a cosmologia quanto o *Livro Universo em Desencanto*, cada um à sua maneira, empurram a discussão para a vida concreta.

A ciência, ao nos mostrar a fragilidade da Terra num cosmos indiferente, nos lembra que não há reserva de planetas para onde fugir se estragarmos este. Ela não moraliza, mas sugere, pelo próprio quadro que desenha, que destruir as condições de habitabilidade é um tipo de suicídio em câmera lenta.

O *Livro*, ao dizer que estamos numa fase de queda, insiste que cada ato de respeito, de honestidade, de cuidado, é um gesto de desagravo para com a origem: viver bem aqui, mesmo sabendo que não é a morada definitiva, é uma forma de honrar a Planície da qual saímos.

No cruzamento dessas duas linhas, o que sobra é o trabalho miúdo da conduta. Não há grandes gestos heroicos garantidos; há escolhas diárias: como trato quem está ao meu lado, o que faço com a inteligência que tenho,

como uso a liberdade que me deram, onde gasto o tempo que me resta.

Se a Imunização Racional é, como diz o *Livro*, uma mudança de base, ela precisa aparecer, ainda que sutilmente, nessas escolhas. Não como pose, não como discurso, mas como uma espécie de coerência nova: menos vontade de levar vantagem, mais disposição de ser correto mesmo quando ninguém está olhando.

### *O leitor como lugar do encontro*

Do ponto de vista deste livro, o verdadeiro “campo de provas” não é um laboratório, nem um templo, nem uma tribuna. É o leitor.

É na cabeça de quem lê que os dois mapas se encontram: de um lado, o universo da ciência, com seu Big Bang, suas galáxias, sua matéria escura, sua luz que viaja por bilhões de anos até chegar ao telescópio; de outro, a narrativa do *Livro Universo em Desencanto*, com sua Planície, sua parte que não estava pronta, seu foco de luz, sua resina, sua água, seus micróbios, seu retorno pela Imunização Racional.

Não há como delegar essa conciliação a uma autoridade externa. Não existe “comitê misto” capaz de publicar um parecer final sobre a verdade última do real. O máximo que se pode fazer — e foi o que este livro tentou — é expor as linhas com clareza, reduzir mal-entendidos, limpar ruídos, mostrar onde há aproximações legítimas e onde não há, ou ainda não há, ponte possível.

Daí em diante, o trabalho é seu. Não no sentido pesado de “escolher um lado” como quem entra numa torcida organizada, mas no sentido mais leve e mais sério de acompanhar o próprio espanto. Ler o céu, ler o *Livro*, ler a própria vida, e deixar que, pouco a pouco, um desenho mais nítido se forme — sem pressa, sem terror, sem triunfalismo.

### *Entre o espanto e a gratidão*

Talvez a melhor forma de encerrar não seja com uma conclusão, mas com um estado: espanto e gratidão.

Espanto por perceber que, seja qual for a narrativa que adotemos, estamos lidando com algo muito maior do que nós. Um universo que não nos pediu licença para existir. Um Mundo Racional que, segundo o *Livro*, não desistiu de nós mesmo depois de todos os desvios. Um corpo que foi tecido por processos que vão de explosões estelares a decisões transcendentais.

Gratidão por, apesar de tudo, estar aqui, respirando, lendo, podendo perguntar. Gratidão por cada pequeno intervalo em que o buraco se revela um pouco menos sufocante: numa música, num gesto de bondade inesperada, numa leitura que acende uma luz diferente dentro da cabeça.

Se a narrativa científica estiver certa em tudo, já temos motivo de sobra para esse espanto grato: somos poeira de estrela que aprendeu a pensar. Se a narrativa do *Livro* estiver certa em tudo, o espanto cresce ainda mais: somos Habitantes de Planície deformados que, mesmo no fundo do poço, continuam sendo convidados a voltar, pela via mais humilde possível — um livro aberto sobre a mesa.

E se, de algum modo que ainda não sabemos formular, houver verdade nas duas coisas ao mesmo tempo, então talvez este seja o melhor resumo: vivemos numa fase do universo em que a própria origem se deixa entrever, ao mesmo tempo, pelo brilho frio das galáxias e pelo calor de um texto que nos chama pelo nome.

### *Depois do ponto final*

Chegado este ponto, o melhor que um autor pode fazer é sair devagar da frente. Não há mais muito o que acrescentar sem estragar.

Se alguma coisa, ao longo dessas páginas, tiver ajudado a tornar um pouco mais clara a diferença entre cosmologia científica e cosmologia metafísica; se tiver deixado mais nítida a proposta do *Livro Universo em Desencanto* sem usá-lo como arma contra ninguém; se tiver dado um pouco de linguagem a essa sensação de viver “dentro de um buraco olhando pra cima”; então o trabalho está feito.

O resto é vida. Vida que segue com suas contas, suas dores, suas alegrias, suas burocracias, seus milagres discretos. Vida que, se você quiser, pode ser vivida como mera sobrevivência num mundo sem porquê, ou como trecho de um retorno em andamento a uma origem transcendental que não se vê, mas se deixa sentir.

Entre um capítulo e outro, entre um dia e outro, entre uma leitura e outra, talvez baste conservar uma pergunta acesa, sem ansiedade e sem medo:

— E se isso tudo for, de fato, um convite para voltar?

O apêndice para leitores nerds, logo adiante, vai abrir algumas dessas questões em linguagem mais técnica, com referências e notas para quem gosta de detalhes. Mas nada disso é obrigatório. O essencial está aqui: dois mapas, um espanto, uma possibilidade de retorno.

O resto é você, o *Livro Universo em Desencanto* e o céu da próxima noite.

## Apêndice

Se você chegou até aqui e ainda se percebe com perguntas do tipo “mas o que a física realmente diz sobre a origem do universo?”, “até onde posso misturar Big Bang e Planície Racional sem fazer confusão?” ou “onde entra, nisso tudo, o olhar de gente como o professor Gaspar Rodrigues?”, este pedaço do livro é para você.

Se nada disso te incomoda, você pode fechar o livro aqui sem culpa. Tudo o que é essencial para a narrativa principal já foi dito. O que vem agora é conversa de corredor depois do simpósio: um pouco mais técnica, um pouco mais franca e assumidamente parcial.

### *Por que este apêndice existe*

Ao longo dos capítulos, tentei fazer três movimentos ao mesmo tempo: contar a cosmogonia do *Livro Universo em Desencanto* com respeito; colocá-la ao lado da cosmologia física contemporânea; e evitar a tentação de transformar a *Escrituração* numa “física adiantada” ou a física numa “metafísica disfarçada”.

Mesmo assim, eu sei que fica um ruído na cabeça de quem tem formação científica, técnica ou filosófica mais densa. Esse ruído costuma aparecer como desconfiança (“isso é só mito bem escrito”), como ansiedade conciliadora (“deve dar pra mostrar que é tudo a mesma coisa, se traduzir direito”) ou como curiosidade honesta (“como é que esses mapas podem conviver na mesma cabeça sem guerra santa?”).

Este apêndice existe por causa dessa terceira atitude. Não é para converter ninguém, nem para blindar o *Livro* contra críticas. É para desenhar com mais nitidez algumas fronteiras conceituais e registrar a leitura de um professor que viveu justamente nesses limiares: Gaspar Rodrigues, de mecânica celeste na UFRJ e na UFF.

*O que a cosmologia física realmente faz (e o que ela não faz)*

A cosmologia física, hoje, parte de poucos dados robustos e extremamente teimosos. Em larga escala, o universo parece estar em expansão; há uma radiação de fundo em micro-ondas vindo de todas as direções, o “brilho fossilizado” de um universo muito mais quente; e a abundância dos elementos leves combina de forma impressionante com os cálculos de um universo que passou por uma fase de nucleossíntese quente.

A partir dessas observações, constrói-se o modelo do Big Bang: não uma explosão num canto do espaço, mas uma expansão do próprio espaço-tempo, recuando até estados cada vez mais extremos de densidade e temperatura.

Aqui entram duas honestidades importantes. A primeira: quanto mais nos aproximamos do chamado “instante zero”, mais as equações perdem o chão. A física, por enquanto, não sabe descrever com segurança esse limite. Falar de “antes do Big Bang” é, hoje, mais metáfora do que teoria. A segunda: a física não fala de sentido último. Por método, ela se limita a descrever como a realidade observável se comporta. Perguntas como “por que existe algo em vez de nada?” ou “por que estas leis, e não outras?” podem ser legítimas, mas escapam do laboratório.

Guarde isso: a cosmologia física é um mapa poderoso do interior deste universo, a partir de certo tempo para trás. Ela não se propõe a dizer o que há do lado de fora do espaço-tempo, nem qual seria o “para quê final” dessa história.

Tudo o que eu disse ao longo do livro sobre Big Bang, formação de estrelas, planetas, vida, se apoia conscientemente nesse mapa. Não há aqui tentativa de refutar esse quadro com base em revelação, nem de dar “aula de física melhor que o físico”.

*Onde entra o Livro Universo em Desencanto nisso*

O *Universo em Desencanto* faz outra coisa. Ele descreve um metauniverso

(o Mundo Racional); uma Planície de seres puros, limpos, perfeitos, sem defeitos; uma parte dessa Planície que não estava pronta; um uso específico da liberdade nessa parte, apesar dos avisos; a deformação e a descida dessa região; a formação de um foco de luz com as virtudes perdidas; a origem do sol, da resina, da goma, da água, dos micróbios, dos corpos; e, por fim, a nossa condição atual: “dentro de um buraco, olhando lá pra cima e sem saber de onde tudo isso surgiu”.

Não é, portanto, uma teoria sobre como o universo se comporta depois de formado. É uma narrativa sobre por que um universo de matéria, tempo e morte surgiu, que espécie de erro de fase o antecede e qual seria uma via de retorno à origem transcendental.

Em termos conceituais, isso se aproxima do que se pode chamar de cosmologia metafísica. Metafísica aqui não é sinônimo de “misterioso”, mas descrição de níveis de realidade para além da *physis* – a natureza que a física mede. Se você tentar ler o *Livro* como tratado de cosmologia física, ele será um mau tratado de física. Se tentar ler a física como tese sobre o Mundo Racional, ela vira uma metafísica manca.

Este livro inteiro foi escrito para evitar exatamente esses dois equívocos.

*Gaspar Rodrigues: um leitor exigente, não um selo de aprovação*

Gaspar Rodrigues não era um crente em busca de carimbo científico para a própria fé. Era professor de mecânica celeste, acostumado a lidar com órbitas, equações diferenciais e rigor matemático. E, ainda assim, leu o *Universo em Desencanto* com seriedade suficiente para escrever um parecer longo, atento, que eu resumo aqui em espírito, não em citações extensas.

Ele observa que o *Livro* usa uma linguagem popular, por vezes violenta, inventando palavras, afastando-se dos cânones da ciência e da filosofia acadêmicas – e entende isso como escolha deliberada, não ignorância. O *Livro* quer falar com a humanidade, não com “os homens de ciência” primeiro. Gaspar o classifica como uma obra de cosmogonia no sentido amplo e

metafísico: uma tentativa de apresentar a origem e o termo do universo a partir de um metauniverso, o Mundo Racional.

Outro ponto que ele sublinha é o método implícito: o *Livro* parte do objeto criado – esse metauniverso – e não de um “criador” abstrato. Para um cientista, isso é intelectualmente mais honesto: é possível construir uma imagem coerente da realidade a partir de um mundo superior revelado, sem cair na pergunta mal formulada “quem criou o criador?”. Para discutir causas primeiras, ele lembra, é preciso reconhecer limites da própria linguagem humana, como mostram as discussões modernas em lógica e filosofia da matemática.

Em vez de usar Gaspar como “prova” de que o *Livro* está certo, eu o tomo como modelo de leitor exigente. Alguém capaz de reconhecer que a linguagem não é acadêmica, que o estilo é estranho aos cânones, que ali não há ciência no sentido estrito – e, mesmo assim, enxerga uma cosmogonia suficientemente articulada para merecer reflexão, não deboche.

O parecer dele não autoriza ninguém a gritar “está comprovado!”, mas autoriza um gesto mais modesto e, para mim, mais valioso: há um modo intelectualmente honesto de ler essa *Escrituração* sem rasgar o contrato com a razão.

#### *Pontos de contato e pontos de limite*

Com isso em mente, dá para dizer, com alguma segurança, o que os dois mapas compartilham e onde cada um precisa parar.

Eles se encontram na ideia de processo: o estado atual do universo não é “como sempre foi”, mas resultado de uma história. Ambos descrevem um passado mais simples e energeticamente concentrado, do qual emergem estruturas mais complexas. Ambos colocam a vida e a consciência dentro do enredo do cosmos, e não como anexo acidental.

Mas os limites são claros. A física não fala em Mundo Racional, Planície, Imunização Racional. Não por hostilidade, mas por método: não há

instrumento para isso, não há observável mensurável desse tipo. O *Universo em Desencanto*, por outro lado, não fala em métrica de espaço-tempo, constante cosmológica ou densidade de matéria escura. A *Escrituração* não está disputando publicação em periódico científico; está desenhando uma anatomia metafísica da realidade.

Quando, ao longo do livro, aproximei imagens – o sol do *Livro* e o sol dos astrônomos, a água da Planície e a água da química –, a intenção não foi provar que “é tudo a mesma coisa, com vocabulário diferente”. Foi acender uma intuição possível: talvez o universo material que a física descreve tão bem por dentro seja, no quadro do *Livro*, uma fase de um processo maior – uma espécie de memória condensada de uma queda.

Isso é uma hipótese metafísica, não uma teoria científica. Aceitar ou não aceitar essa hipótese é escolha do leitor. O papel deste apêndice é garantir que o leitor com espírito de Gaspar saiba exatamente em que terreno está pisando quando faz essa escolha.

*Um acordo de cavalheiros com o leitor exigente*

Para terminar, proponho um pequeno pacto.

Da minha parte, como autor, comprometo-me a não vender metafísica como ciência, nem ciência como metafísica. A manter clara, sempre que possível, a linha que separa dados de observação de narrativas de origem transcendente. A tratar leitores rigorosos, desconfiados e curiosos – os “nerds” afetivos deste livro – não como ameaça, mas como aliados na tarefa de pensar.

Da sua parte, se quiser entrar nesse acordo, o convite é simples: suspender por algumas páginas a vontade de reduzir o *Livro* a superstição, ou de inflar a física até virar religião disfarçada. Admitir que, fora do laboratório, ainda existem perguntas legítimas sobre origem, sentido, queda e retorno, e que elas não se resolvem com mais casas decimais. Ler o *Universo em Desencanto* como aquilo que Gaspar sugeriu: uma cosmogonia metafísica em

linguagem popular, tentando narrar uma anatomia da realidade que inclui, mas ultrapassa, o universo que a física mede.

Se, ao final, você continuar cético, tudo bem. Se achar que isso tudo não passa de um mito bem construído, também. O que me interessa não é o veredito, mas a qualidade da escuta.

Se em algum momento você se pegar olhando para o céu noturno e pensando, ao mesmo tempo, na expansão cósmica do Big Bang e na Planície Racional; em estrelas forjando elementos e em virtudes se condensando num foco de luz; em equações de campo e em queda – e conseguir sustentar esse duplo olhar sem exigir que um mapa anule o outro –, então este apêndice terá cumprido a sua função.

O resto é o que o *Livro*, em linguagem muito mais direta que a minha, propõe desde sempre: ler, reler, pensar, experimentar. E deixar que cada um descubra, com o tempo, em que mapa se reconhece.

**Gaspar Rodrigues, professor de mecânica celeste (UFRJ e UFF),  
sobre o *Livro Universo em Desencanto***

“Achamos o *Livro Universo em Desencanto*, notável pelas revelações que contém sobre os problemas cruciais da existência humana. A leitura, a partir das primeiras páginas, poderá não despertar o interesse do leitor desatento e dotado de alguma formação científica. Isso é explicável, porque o Livro visa à humanidade e não aos homens de ciência de um modo particular. Se porém, a leitura for feita de forma reflexiva, tudo mudará e as verdades envolventes que emanam de suas páginas dominarão por fim.

O *Livro* contém somente verdades e ensina a usá-las no interesse da Redenção dos homens. A linguagem é específica, violenta, por vezes assemântica, atribuindo conteúdo novo a vocábulos, criando outros, recorre à imagens e processos elementares. Afasta-se dos Cânones da ciência e da filosofia oficiais. Mas comunica o conhecimento substancial, atingindo assim, a meta.

O homem culto não deve perder de vista que a linguagem é uma estrutura lógico-formal, edificada para comunicar o pensamento e que uma teoria pode ser exposta, fazendo uso de diversas linguagens (linguagens e não língua, cumpre distinguir as duas categorias). A escolha de uma determinada linguagem é uma questão de comodidade apenas. O Livro fez a sua opção.

A linguagem usada no *Livro Universo em Desencanto* é, segundo nos parece, a mais indicada, pela leveza e pelo poder de comunicação sem restrição de leitores que oferece.

O *Livro* é uma obra de cosmogonia, no sentido amplo e metafísico do conceito, em que se introduz e se explica a concepção do Universo; a sua origem é o seu termo, a partir de uma realidade suprema, de um metauniverso a que denomina Mundo Racional. Esta realidade nos é dada como uma revelação vinda de poderes que transcendem os poderes humanos.

Ela associa a intuição à razão; é intuitiva e não contrária as normas da razão; é a fusão da origem da causa e do efeito, como realidade inicial, porque não há efeito sem causa.

Ali encontramos o mistério da vida. A vida encontra-se como um tecido que vincula os seres Racionais que somos ao Cosmo. Cosmo este, que se apresenta como um antimundo do meta universo, realidade inicial. O *Livro* nos revela que esta vida nos mantém fora do nosso verdadeiro “habitat”, que é o Mundo Racional. E diz que isso, a nossa queda daquele paraíso, aconteceu porque os seres ali vivendo, no Super Mundo Racional são livres, como exige a condição de seres perfeitamente felizes. Podiam usar o livre-arbítrio e optar pelo Grande Mundo ou antimundo. Aqueles, e somos nós, que fizeram a segunda opção, aqui se encontram e travam a batalha da vida: quem nasce deve morrer.

Mas a morte não significa o aniquilamento, esclarece-nos o *Livro*. A morte é apenas um ponto singular de nossa trajetória através da vida. O nosso referencial vinculatorio jamais desaparecerá; ele está lá no Mundo Racional. Cabe-nos tomar consciência dessa situação de fato e o Livro no-la dá. É só lê-lo com atenção e persistência, para constatar.

O cultivo das ciências e das artes são manifestações desse sentimento, esclarece-nos o *Livro*. Traduzem o esforço obstinado da procura da posição de equilíbrio definitivo, da felicidade, em suma, obstinação que caracteriza o ser humano. Essa felicidade realizar-se-á com o retorno à base de partida, o meta universo, o Mundo Racional.

Mostra-nos o livro, na forma linguística peculiar, com beleza, por vezes poética, que vivemos no século da nossa Redenção. O desenvolvimento da ciência e da filosofia científica contemporânea, a derrocada do misticismo puro, o descrédito geral que paira sobre a velha tábua de valores, a angústia irreduzível da humanidade, a descrença generalizada da juventude na ordem até aqui instituída, que a faz procurar novos caminhos; tudo isto preparou e amadureceu a humanidade para o reencontro consigo mesma. Esse *Livro*,

grande no conteúdo e simples na forma, mostra-nos que o reencontro acontecerá no conhecer o que é Cultura Racional, que é a cultura do meta universo perfeito de onde viemos.

Como conseguirá a humanidade entrar na Via Racional, que a conduzirá ao destino último? A resposta encontra-se no *Livro Universo em Desencanto* e é a simples como são as grandes verdades.

Lendo e relendo esse *Livro*, código da verdade, de modo a criar um estado consciente, denominado no *Livro*, estado de Imunização Racional. Nesse estado o ser humano passa a ter contacto direto com os habitantes do Mundo Racional com os quais estabelecerá diálogo e então, o seu equilíbrio realizar-se-á e isso significará que a morte irá lhe abrir a porta da Redenção Eterna. Morrer neste estado, é perder a individualidade para ingressar na vida universal, a eternidade de que falava o grande biologista inglês, Haldane.

O *Livro* ainda nos ensina: no mundo em que vivemos, há progresso material, mas a evolução criadora, bem diferente do simples progresso, é apanágio do meta universo perfeito de nossa origem. Aqui é o reino da contradição e da injustiça, características do mundo em progresso de deformação e decomposição. Este mundo é obra dos homens e deverá desaparecer com eles. O homem é senhor do seu destino e as Entidades Supremas, interferem na vida do anti mundo, o qual está sob o governo dos homens.

O estudo e o conhecimento desse mundo em que vivemos, nos permite isolar as constantes do meta universo, cuja existência é certa, de modo a nos habilitar a compreendê-lo cada vez mais. Passamos assim, a ter consciência clara de nossa posição face ao Cosmo e a vida.

Em vez de partir para explicar o Universo, da existência de uma agente criador, o Livro nos revela a existência do objeto criado, o meta universo, com toda a sua complexidade. Essa posição é, como não podia deixar de ser, a posição certa do homem de ciência.”

Tem-se assim, um supremo mundo postulado, bem dizer, único. A partir daí, os processos inferenciais da razão, aliados à intuição, nos permitem construir uma imagem de grande realidade que nos é revelada pelo Livro. Essa é também a posição de Russel: partir do objeto criado e não do criador.

O conhecimento desse Universo Superior, de onde viemos e para onde vamos retornar, é suficiente para satisfazer o desejo humano de explicação dos mistérios da vida.

Os trabalhos da lógica moderna, em que pontificam um Kurt Godel, o maior dos lógicos vivos e um Paulo Cohen, homem que resolveu recentemente o célebre problema conhecido no domínio da filosofia, da matemática, como Hipótese do Contínuo, nos permitem dizer que a pergunta - quem criou esse metauniverso? - é desprovida de sentido e não pode ser corretamente formulada pela humanidade e sim, definida de princípio a fim, pelo RACIONAL SUPERIOR, um Ser Superior, do Super Mundo Racional.

A profunda corrente do pensamento filosófico cosmológico, que vem dos racionalistas gregos, Tales e Anaximandro, este o maior pensador do seu tempo (611 a 545 A.C.) passando por Platão e terminando na cosmogonia intuicionista de Bergson, encontra-se nos seus elementos substanciais, representadas nesse Livro singular.

Isso, aliado ao fato de que o Livro nasceu no Rio de Janeiro, da pena de um homem de Cultura Cósmica, que está redigido em linguagem modesta, sem pretensões científicas, leva-nos à convicção de que esse homem é um iluminado e esse Livro, fonte da verdade, é de origem superior.

O Livro faz questão de acentuar: o seu conteúdo não é ciência nem filosofia nem religião e sim, um conhecimento natural, quer dizer, intrínseco ao uno.

A Redenção em linguagem popular, deixa intacta a substância profunda das verdades que anuncia, as quais estão ao alcance imediato dos homens que devem se animar, em benefício próprio, a ler este grande Livro, cuja

importância para a humanidade atual é decisiva.”